



O jornal dos estudantes
de medicina da USP



São Paulo, Dezembro de 2011 · Ano LXXXI - Edição nº 6

SEGURANÇA NA USP



Um debate sobre a sequência dos acontecimentos, a presença da PM nos Campi e a Greve Estudantil

Pág 09

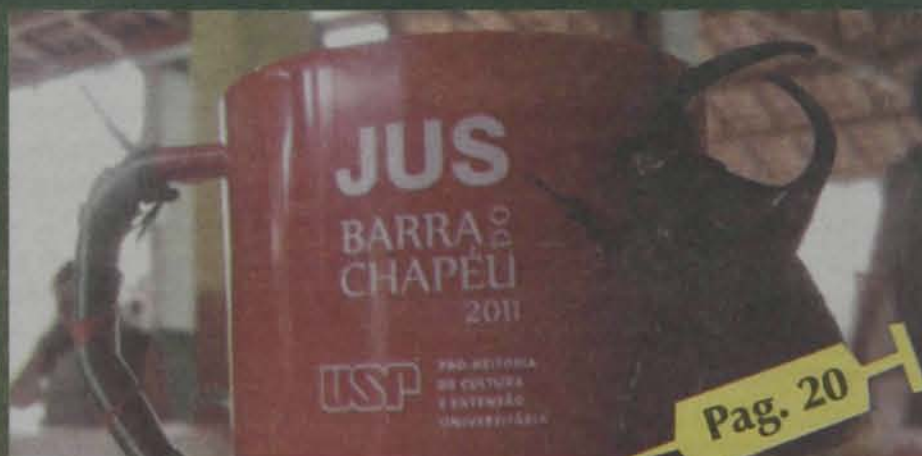
69º SHOW MEDICINA



Pag. 10

"Salve a Escola!" - Saiba mais sobre a edição deste ano, que marcou os diversos acontecimentos da rotina da faculdade.

JORNADA UNIVERSITÁRIA DA SAÚDE



Pag. 20

A 5ª edição do projeto contou com a participação de novos cursos e um leque de diversas atividades. Saiba mais detalhes sobre o projeto e os novos rumos.

Editorial

O fim de mais um ciclo

Mais um ano que chega ao fim. Toda a alegria das festividades, férias e viagens já afloram na mente da grande maioria. Infelizmente, junto a tudo isso, são acrescidas despedidas, encerramentos e toda a correria. Como bons brasileiros que somos, não só sabemos que “o ano só começa depois do carnaval”, mas também já consideramos que o ano acabou em meados de Outubro.

Na FMUSP, as coisas não são nada diferentes. Comemoramos o fim de ano de diversas maneiras: a tradicional “Cervejada do 6º ano” despede os mais novos doutores formados pela grandiosa Casa de Arnaldo; o “Bota Dentro do Internato” marca o fim do ciclo clínico e a divisão tradicional das turmas, partindo para a famigerada rotina dos estágios com a sua nova família - as painelas -; sem contar ainda com a Pizzada do MedEnsina, o Interpainelas do EMA, a Apresentação de Resultados da JUS, jantares de encerramento de ligas, churrascos de despedida das turmas, entre tantos outros.

Mas nem tudo é alegria por aqui. Concomitante a formatura da turma 94, surge a Prova de Residência Médica, que nestes últimos meses não só foi desafiada pelo curso particular preparativo para a fase prática nas estruturas do Laboratório de Habilidades da FMUSP (que felizmente foi descoberto a tempo e as medidas disciplinares já foram tomadas pela Diretoria da Faculdade), mas ainda, e mais gravemente, esteve sujeita ao novo Programa de Valorização do Profissional da Atenção Primária aprovado pelo Governo - conhecido principalmente entre os estudantes de medicina como os “Bônus da Residência”. Já não bastasse a dor de cabeça pela definição de uma especialidade, os recém-formados tiveram ainda que se preocupar com esse preparativo desleal dos concorrentes em baixo dos próprios narizes e também com a incerteza desse novo projeto interministerial.

Não só o 6º ano teve suas comemorações afetadas por isso, mas todos os alunos, o que levou a uma mobilização pacífica tanto no dia da Reunião da Congregação da FMUSP para a definição de posicionamento da faculdade, quanto no dia 12 de novembro, quando os alunos tiveram a oportunidade de entregar nas mãos da

Presidente Dilma Rousseff e do Ministro da Saúde Alexandre Padilha uma carta aberta sobre o assunto. Nessa data, o Ministro Padilha se dirigiu aos alunos e discutiu sobre a proposta governamental. O vídeo dessa conversa encontra-se disponível no site da faculdade e o conteúdo da carta pode ser lido na íntegra na página 8.

Fim de ano ainda quer dizer término de gestões, como o que aconteceu em todas as instituições da FMUSP. A gestão DCE-USP também se encerrou nos últimos dias, mas toda a situação de greve em alguns cursos levou a jogada de adiar o processo eleitoral, deixando o diretório central sob coordenação do “Comando de Greve” com representantes de vários CA’s das diversas áreas da Universidade.

Nesse fechamento de ano, o CAOC ainda lançou um plebiscito sobre Segurança e assim que terminar de computar os resultados, eles serão amplamente divulgados.

Falar em término de ciclo, logo remete a passagem do ciclo básico para o ciclo clínico e do ciclo clínico para o internato, dentro da FMUSP. A regra dos créditos está valendo e a idéia de perder um ano por causa de uma ou duas dependências amedronta os pensamentos de diversos alunos, principalmente os do segundo e quarto anos, que já sentirão os efeitos dessa regra nos próximos meses.

Mas existe nos ares do Campus de Pinheiros uma comemoração que se estenderá pelos próximos meses e que marca uma grandiosa data: o Centenário da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. A abertura das comemorações do centenário no dia 15 de novembro foram apenas um aperitivo do que está por vir. Todos os professores, funcionários, antigos alunos, atuais estudantes e até a futura Turma 100 serão participantes e convidados dessa festa.

Nesse espírito de fim de ano, nós editores deixamos aqui os votos de um feliz início de carreira para os doutores da turma 94, um excelente internato para a turma 96, os parabéns para os novos diretores de extensões, instituições e agremiações e ainda a nossa despedida para os amigos e colegas que passarão o próximo ano fazendo intercâmbios ao redor do globo, como por exemplo, o excepcional grupo de alunos que se direcionará para Harvard em breve. É esse o espírito que nos une, fazendo de todos nós Filhos de Arnaldo.



Revista Digital
DOUTORANDOS

A Revista Digital que traz pra você, estudante de medicina, entretenimento e informação de maneira interativa e dinâmica.

Games Online
Reportagens Especiais
Cobertura de Eventos
E muito mais...

Acesse gratuitamente
www.doutorandos.com.br

PERFUMARIA DO CAOC

NATURA / AVON À PRONTA ENTREGA
VÁRIAS PROMOÇÕES
DESCONTO À VISTA DE ATÉ 20%

PRESENTES EM GERAL
HIGIENE E TOUCADOR
TUDO PARA O SEU BEM ESTAR.
TEMOS AMWAY

DIVIDIMOS
EM ATÉ 3X
NO CARTÃO VISA

AV. DR. ARNALDO, 455 | SUBSOLO, BOX 4 - COM VERGINIA

Errata

A edição d'O Bisturi lamenta pelo erro de revisão da edição. A autoria dos textos “O retorno do diploma” e “Biblioteca em horário nobre” é de Katia Regina Marchetti (96). Lamentamos o equívoco.

JORNAL DOS ESTUDANTES DE MEDICINA DA USP

Departamento de Imprensa Acadêmica
Centro Acadêmico Oswaldo Cruz

Editores-chefes

André Ruiz de Oliveira (98), Leonardo dos Reis Gama (98) e
Wagner Machado de Moraes Busato (98)

Colaboradores

Alon Feuerwerker, André Perez de Moraes Sarmiento (95), Centro Acadêmico Emílio Ribas, Centro Acadêmico Manoel de Abreu, Centro Acadêmico Medicina Sérgio Arouca, Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, Centro Acadêmico Rocha Lima, Cinthia Rodrigues, Diretório Acadêmico Samuel Pessoa, Hugo Fanton, Ióri Rodrigues Junqueira (97), João Cronemberger Sá Ribeiro (95), José Otávio Costa Auler Junior, Matheus Gerhard Rosenfeld (98), MedEnsina, Paulo 'Pepino' Saldiva, Representação Discente da Faculdade de Direito da USP, Tatiana Barboza Kronemberger (95), Thiago Issa Kagueiama (99), Wagner Machado de Moraes Busato (98)

Diagramação e Ilustrações
Volpe Artes Gráficas
Tel: (11)3654.2306

Impressão
Ponto a Ponto

Tiragem
3.000

Este jornal não se responsabiliza pelos textos assinados. Os textos assinados não refletem necessariamente a posição da gestão. O Bisturi se disponibiliza a publicar cartas-resposta aos textos aqui publicados, mediante envio destes até a data limite para diagramação. Envie textos, dúvidas e críticas para caoc@caoc.org.br.

Financeiro

Despesas - Junho de 2011

01/06/2011	Telefone Medensina	R\$ 115,55
01/06/2011	Envio O'Bisturi	R\$ 444,00
02/06/2011	Repasso UNIPRÓ	R\$ 50,00
03/06/2011	Repasso ROEX	R\$ 180,00
06/06/2011	Compras para o patrimônio (cadeados e ferragens)	R\$ 48,00
06/06/2011	Repasso UNIPRÓ	R\$ 50,00
06/06/2011	Repasso UNIPRÓ	R\$ 50,00
06/06/2011	Comissão da vendedora da Loja	R\$ 105,00
07/06/2011	Assinatura Estadão	R\$ 50,50
08/06/2011	Repasso UNIPRÓ	R\$ 50,00
08/06/2011	Impressão O'Bisturi	R\$ 2.450,00
09/06/2011	Fotocópias (estatuto CEM)	R\$ 7,20
10/06/2011	Fotocópias (estatuto do CAOC)	R\$ 7,90
10/06/2011	Compras para a Loja	R\$ 567,60
10/06/2011	Repasso Liga Cirurgia Plástica	R\$ 900,00
10/06/2011	Honorários dos advogados	R\$ 2.089,60
13/06/2011	Fotocópias (células de eleição)	R\$ 36,00
13/06/2011	Chaveiro	R\$ 455,00
13/06/2011	Compras para o DIS (Som externo)	R\$ 1.227,35
15/06/2011	Reembolso Reunião ABEM	R\$ 177,10
15/06/2011	Compras para a Loja	R\$ 6.138,00
16/06/2011	Comissão da vendedora da Loja	R\$ 127,00
16/06/2011	Comissão da vendedora da Loja	R\$ 505,00
17/06/2011	Papelaria	R\$ 109,00
17/06/2011	Compras para a Loja	R\$ 1.188,00
22/06/2011	Envio O'Bisturi	R\$ 466,64
22/06/2011	Repasso Liga Cirurgia Plástica	R\$ 950,00
24/06/2011	Compras para a Loja	R\$ 584,80
27/06/2011	Honorários dos contadores	R\$ 340,00
28/06/2011	Chaveiro	R\$ 85,00
29/06/2011	Compra de insumos para festa	R\$ 9.576,00
	Tarifas bancárias	R\$ 75,87
	Encargos trabalhistas	R\$ 3.094,91
Total Despesas		R\$ 32.301,02

Receitas - Junho de 2011

01/06/2011	Entrada Pedágio Semana de Recepção	R\$ 1.166,35
02/06/2011	Fundação	R\$ 1.000,00
03/06/2011	Cessão de edpaço para barraca de Fogassa	R\$ 600,00
06/06/2011	Aluguel Lanchonete	R\$ 4.518,51
10/06/2011	Aluguel Datha Book	R\$ 2.638,24
14/06/2011	Aluguel Imóvel	R\$ 1.055,19
16/06/2011	Aluguel e propaganda da perfumaria	R\$ 1.350,00
22/06/2011	Fundação	R\$ 2.860,00
	Entrada da loja	R\$ 7.060,34
Total de Receitas		R\$ 22.248,63
Saldo do período		-R\$ 10.052,39
Saldo anterior		R\$ 6.710,59
Saldo total da Gestão		-R\$ 3.341,80

Despesas - Julho de 2011

01/07/2011	Telefone Medensina	R\$ 111,92
01/07/2011	Comissão da vendedora da Loja	R\$ 135,55
01/07/2011	Encargos trabalhistas	R\$ 144,00
04/07/2011	Tarifas Bancárias	R\$ 11,00
04/07/2011	Encargos trabalhistas	R\$ 1.000,00
04/07/2011	Impressão O'Bisturi	R\$ 1.950,00
05/07/2011	Encargos trabalhistas	R\$ 432,00
05/07/2011	Compras para a Loja	R\$ 495,00
06/07/2011	Compras para a Loja	R\$ 2.970,00
06/07/2011	Repasso Segurança	R\$ 3.300,00
07/07/2011	Assinatura Estadão	R\$ 50,50
07/07/2011	Compras patrimônio	R\$ 58,30
08/07/2011	Comissão da vendedora da Loja	R\$ 84,25
11/07/2011	Reembolso ECEM	R\$ 844,00
11/07/2011	Impressão O'Bisturi	R\$ 1.950,00
11/07/2011	Honorários dos advogados	R\$ 2.054,70
12/07/2011	Encargos trabalhistas	R\$ 213,45
18/07/2011	Compras para o patrimônio (telefone)	R\$ 49,90
20/07/2011	Encargos trabalhistas	R\$ 915,63
22/07/2011	Correios	R\$ 10,67
22/07/2011	Comissão da vendedora da Loja	R\$ 153,65
25/07/2011	Envelopes do Bisturi	R\$ 35,90
25/07/2011	Honorários Contadores	R\$ 320,00
28/07/2011	Compras para a Loja	R\$ 49,00
29/07/2011	Comissão da vendedora da Loja	R\$ 137,70
Total despesas		R\$ 17.477,12

Receitas - Julho de 2011

01/07/2011	Fundação	R\$ 440,00
05/07/2011	Fundação	R\$ 7.500,00
06/07/2011	Aluguel Lanchonete	R\$ 4.518,51
06/07/2011	Entrada da Loja	R\$ 4.873,66
11/07/2011	Aluguel Dathabook	R\$ 2.638,24
13/07/2011	Aluguel imóvel	R\$ 1.094,23
19/07/2011	Fundação	R\$ 1.200,00
20/07/2011	Aluguel de armários	R\$ 60,00
28/07/2011	Fundação (Reembolso dos Honorários dos advogados)	R\$ 6.000,00
29/07/2011	Aluguel e propaganda da Perfumaria	R\$ 1.350,00
Total Receitas		R\$ 29.674,64
Saldo do período		-R\$ 3.341,80
Saldo anterior		-R\$ 3.341,80
Saldo total da Gestão		-R\$ 3.341,80

Despesas - Agosto de 2011

01/08/2011	Telefone Medensina	R\$ 111,75
01/08/2011	Taxa de fiscalização do CV	R\$ 110,17
01/08/2011	Reembolso passagem ABEM	R\$ 105,94
01/08/2011	Puffs CV	R\$ 389,00
01/08/2011	Gastos com patrimônio (concerto do violão)	R\$ 135,00
02/08/2011	Reembolso ECEM	R\$ 129,80
03/08/2011	Reembolso ECEM	R\$ 96,50
03/08/2011	Reembolso ECEM	R\$ 207,00
05/08/2011	Honorários dos contadores	R\$ 280,00
05/08/2011	Comissão da vendedora da Loja	R\$ 114,30
08/08/2011	Assinatura Estadão	R\$ 50,50
09/08/2011	Chaveiro	R\$ 10,00
10/08/2011	Repasso Fonoaudiologia	R\$ 2.200,00
11/08/2011	Papelaria	R\$ 32,15
11/08/2011	Compra de galões de água	R\$ 108,00
12/08/2011	Reembolso Medensina (Fotocópias)	R\$ 308,50
12/08/2011	Impressão O'Bisturi	R\$ 2.020,00
12/08/2011	Comissão da vendedora da Loja	R\$ 80,55
12/08/2011	Coffee CAOC Convida Financiamento HC (1ª parcela)	R\$ 475,00
15/08/2011	Compras patrimônio	R\$ 42,50
15/08/2011	Compras patrimônio	R\$ 33,90
15/08/2011	Cartazes CAOC Convida Financiamento da Saúde	R\$ 60,00
18/08/2011	Compras patrimônio	R\$ 68,00
19/08/2011	Comissão da vendedora da Loja	R\$ 82,00
22/08/2011	Aluguel Site do CAOC	R\$ 72,46
26/08/2011	Papelaria	R\$ 78,40
26/08/2011	Comissão da vendedora da Loja	R\$ 64,35
29/08/2011	Papelaria	R\$ 128,70
29/08/2011	Envio das Cartas Convide do aniversário do CAOC	R\$ 229,90
29/08/2011	Compras para o patrimônio	R\$ 77,30

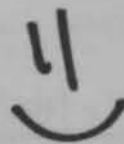
30/08/2011	Compras patrimônio	R\$ 59,00
31/08/2011	Honorários Advocaticios	R\$ 2.265,90
	Tarifas Bancárias	R\$ 63,50
	Encargos trabalhistas	R\$ 2.574,18
Total Despesas		R\$ 12.864,25

Receitas - Agosto de 2011

02/08/2011	College - Entrega	R\$ 3.464,04
04/08/2011	Venda de insumos para a AAAOC	R\$ 1.320,00
05/08/2011	Aluguel Lanchonete	R\$ 4.518,51
09/08/2011	Patrocínio Fono	R\$ 1.000,00
10/08/2011	Aluguel Dathabook	R\$ 2.638,24
12/08/2011	Aluguel imóvel	R\$ 1.096,80
15/08/2011	Cessão de espaço para a barraca do Chocolate	R\$ 770,00
19/08/2011	Cessão de espaço para a barraca de Fogassa	R\$ 500,00
19/08/2011	Cessão de espaço para a barraca do Yakissoba	R\$ 500,00
26/08/2011	Cessão de espaço para a barraca de Fogassa	R\$ 500,00
26/08/2011	Cessão de espaço para a barraca do Chocolate	R\$ 700,00
26/08/2011	Cessão de espaço para a barraca do Yakissoba	R\$ 700,00
29/08/2011	Aluguel e propaganda da Perfumaria	R\$ 1.050,00
	Aluguel de armários	R\$ 90,00
Total Receitas		R\$ 18.847,59
Saldo do período		R\$ 5.983,34
Saldo anterior		R\$ 8.855,72
Saldo total da Gestão		R\$ 14.839,06
23/08/2011	Repasso Segurança	R\$ 22.660,00



MedEnsina
Curso Pré-Vestibular



Gratuito!

PROCESSO SELETIVO 2012

190 VAGAS!

Inscrições

Quando?
Dias 10 e 11 de Dezembro de 2011 / 21 e 22 de Janeiro de 2012.
Das 9h às 15h.

Onde?
Subsolo da Faculdade de Medicina da USP
Av. Dr. Arnaldo, 455 - Metrô Clínicas.

O que levar?
Documento original com foto (RG, carteira de habilitação)

Valor
A taxa cobrada é de R\$ 25,00. A taxa se refere à inscrição, não são cobradas outras taxas.

Prova de Seleção

Quando?
29 de janeiro de 2012, às 14h.

O que levar?
Comprovante de inscrição, documento original com foto, lápis, caneta azul ou preta e régua

**TOTALMENTE GRATUITO!
PARA TODAS AS ÁREAS!**

[FIQUE ATENTO AOS DOCUMENTOS NECESSÁRIOS NO NOSSO SITE!]

[Os melhores colocados serão chamados para uma avaliação socioeconômica!]

Matrícula 2012

Primeira chamada?
28 e 29 de Fevereiro de 2012, das 18h às 21h.

LEVAR DOCUMENTO (ORIGINAL) COM FOTO E 2 FOTOS 3X4!

facebook.com/MedEnsinaFMUSP

www.medensina.com

medensina.fmusp@gmail.com

@MedEnsinaFMUSP

Curso Pré-Vestibular MedEnsina
Horário de Funcionamento: 17h30 às 21h30
Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo
Av. Dr. Arnaldo, 455 - Subsolo - CEP 01246-903 - Cerqueira César
(11) 3061 9292



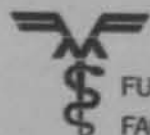
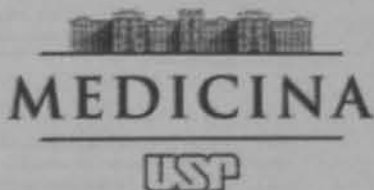
MedEnsina

Realização

Apoio



MedEnsina



FUNDAÇÃO
FACULDADE DE MEDICINA

Material e cronograma
fornecidos pelo ETAPA

Opinião

Por uma imprensa neutra

Thiago Issaho Kagueiama (99)

S ubitamente, o céu, de um azul aguado, tornou-se roxo escuro. Um turbilhão de nuvens negras surgiu, movimentando-se circularmente em torno de um ponto. Logo abaixo desse ponto, ao lado da barraquinha de espetinhos de morango com chocolate, na Faculdade de Medicina, uma fenda abriu-se no chão. Em suas profundezas, um olhar atento veria explosões de lava fumegante, e no meio destas, almas penadas suplicando por piedade. De lá, subiu, imponente, o senhor das trevas, o cão-tinioso, a besta fera, o demônio em pessoa. A terrível criatura entrou então no porão, deixando horrorizados aqueles que a viam. Apesar do medo, entretanto, alunos da ilustre faculdade começaram a se juntar ao seu redor, seduzidos pelo poder infinito que dele emanava, pela beleza vil de sua maldade, por suas palavras venenosas. Os alunos foram iludidos pelo ser, e esse foi o fim da maior instituição médica de ensino que essas terras já viram.

Tal texto poderia ser apresentado como um conto de terror (sem graça, admito) ou também como uma reportagem do jornal "O Bisturi" (esse mes-

mo no qual escrevo), com a manchete "Como foi a conferência com Milton de Arruda" O mesmo Milton também poderia ser apresentado como arauto da justiça e da verdade, mas não faz diferença. A questão é: por que não apresentá-lo como ele realmente é?

Antes de mais nada, vale definir quais são os objetivos de um jornal. Eis algumas opções:

- 1- Apresentar objetivamente os fatos ao leitor, informando-o.
- 2- Impor uma opinião ao leitor.
- 3- Incitar o leitor a defender a sua opinião, após a mesma ter sido imposta a ele.
- 4- Conquistar a América do Norte, África e um terceiro continente a sua escolha.

Acredito que, talvez, a primeira opção seja a mais aceitável. Agora, vamos ao que de fato interessa. O que me levou a escrever esse texto foi a matéria publicada na edição anterior do Bisturi, sobre o bônus para a residência. Considero importante para que eu não seja linchado ressaltar que sou contra o bônus, não quero ser médico de família e não sou comunista. O que me deixou abismado foi a maneira como o assunto foi tratado: de forma completamente

parcial, tentando impor aos alunos uma posição contrária ao governo Dilma e a medidas tomadas pelo mesmo, sem nem ao menos apresentar dados (o que, afinal, tornaria a matéria mais objetiva, e isso parece contrário ao intuito dela) que sustentassem tal posição. A matéria já começa com o sugestivo título de "A quem queremos enganar?", que pode inclusive ser interpretado em seu significado literal no caso.

Eu poderia citar várias passagens do texto que exemplifiquem a parcialidade com a qual a matéria foi escrita, mas qualquer um pode ler por si mesmo, então comentarei uma que considere bastante curiosa: "Melhorias para a população? Não se mata a fome com migalhas. Uma migalha, em meu entendimento, seria uma medida tomada pelo governo que tivesse benefícios desprezíveis para a população. Entretanto, não há dado nenhum que sustente essa hipótese. Além disso, a mesma migalha poderia ser vista por dois pontos de vista distintos: algo ruim, como descrito por "não se mata a fome com migalhas"; ou algo bom, que poderia ser traduzido por "de grão em grão, a galinha enche o papo". Mas o ideal seria que

não fosse apresentado sobre nenhum ponto de vista. O ideal seria que fossem apresentados qual seria o custo do projeto para os cofres públicos e quantas pessoas seriam beneficiadas por ele, quanto seria o aumento na expectativa de vida e a diminuição da mortalidade infantil com a implantação do projeto (estimativas). Se estes números fossem desprezíveis (ou se a razão custo/benefício fosse alta, comparada com medidas alternativas de mesmo objetivo), o leitor poderia interpretar por ele mesmo que o projeto se trata de um "embuste" e que as melhorias são "migalhas".

Sei que é praticamente impossível escrever um texto neutro, livre de opiniões pessoais (este mesmo não é). Entretanto, é possível minimizar isso de várias maneiras, como as já citadas aqui. Enfim, para que não digam que esse texto é água com açúcar, parece filme da Jennifer Aniston ou novela das 6, vou finalizá-lo com uma provocação: tome cuidado caso a próxima edição do Bisturi venha com um pêndulo de brinde.

Thiago Issaho Kagueiama (99) é estudante da FMUSP

Confira aqui as aprovações do Curso Pré-Vestibular MedEnsina nas provas 2010/2011!

Aluno	Curso	Faculdade Pretendida	Aluno	Curso	Faculdade Pretendida
Aline de Jesus Temoteo	Desenho Industrial	Mackenzie	Karina da Silva Andrade	Psicologia	UNINOVE
Anna Caroline Santos Silva	Administração	FMU	Karina Marques de Carvalho Iammarino	Engenharia	Anhanguera
Ariane Oliveira de Freitas		UNIBRASIL	Leticia Maria Vieira da Silva	Fisioterapia	PUC – Minas Gerais
Arielle Silva Santana	Publicidade	Mackenzie	Lidiane Pereira de Souza	Fisioterapia	UNIBAN
Camila Fernanda Cirino	Química	UFSCAR	Livia Cristina Magalhaes Leite	Química Industrial	Oswaldo Cruz
Camila Moura Alves	Artes Visuais	UNESP	Lorena Flores Vidal	Letras	USP
	Imagem e Som	UFSCAR	Marcela Vilar	Nutrição	Anhenbi-Morumbi
Caroline Cassiano Souza	Engenharia	FEI	Marcio Pin Chih Chao		UNICAMP
Daiane Pereira Lopes	Farmácia	Mackenzie	Maria Aparecida de Paiva	Radio e TV	Anhenbi-Morumbi
Daniel Salvador Monteiro	Engenharia	São Judas	Mariana Camilo de Souza		UNICAMP
Dolores Vanilda Castro de Moura	Filosofia	UNESP	Marina Rodrigues Coelho	Engenharia de Produção	UFMS
Douglas Leandro Arruda Duarte Bandeira		Anhanguera	Michel Soares	Bacharelado em Estatística	USP
Elivelton Cruz de Santana	Física	USP – São Carlos	Nathany Matheus Teixeira de Azevedo	Fisioterapia	USP
Erica Azevedo Batista Santos	Ciências Sociais	UNICAMP	Priscila dos Santos Pacheco	Jornalismo	Anhenbi-Morumbi
	Biblioteconomia	UFSCAR	Rebeca Sandriny Santa da Silva	Fonoaudiologia	Santa Casa
Erica Sandela de Oliveira		UFRJ		Engenharia	São Judas
Felipe de Lima Freitas	Sistema de Informação	Mackenzie	Sidney Iandoli Junior	Psicologia	São Judas
Felipe de Sousa Marques		UNIFIEO	Tatiana Rocha de Caris	Construção Civil	FATEC
Felipe Toledo Contiero	Direito	FMU	Thatiara Cardoso da Silva	Enfermagem	USP
Irenio Lima Jesus de Aragao	Engenharia de Controle e Automação	UFSC			Mackenzie
Henryk Michalicki Junior	Ciências Biológicas	UNESP	Valdirene Jesus da Silva	Fonoaudiologia	USP
Jadianny Santos de Santana	Licenciatura em Matemática/Física	USP	Wendel Santos da Cruz	Biomedicina	UFRJ
Jane do Nascimento Viana Santos	Biomedicina	UNIFESP			São Camilo
Josue Souza Tourinho Junior	Química/Farmácia Bioquímica	UNIFESP	William Cesar Frutuoso Figueiredo		FEI
Juliana Moreira Silva	Biomedicina	São Camilo			

Sociedade

RESPIRAR

Prof. Paulo 'Pepino' Saldiva

No dia 25 de agosto passado, realizou-se no Teatro da Faculdade de Medicina um seminário dedicado ao fechamento da série de inserções na televisão aberta Rede Globo de São Paulo - voltadas para o tema da poluição e clima na cidade de São Paulo. Esta série, designada como Respirar, apresentou uma série de reportagens com uma frequência de 3 inserções por dia, durante os meses de Maio a Agosto de 2011, onde foram abordadas as consequências da adoção de políticas equivocadas de uso e ocupação do solo, mobilidade e planejamento energético sobre a qualidade de vida e saúde da população de nossa cidade. A iniciativa foi produto de uma parceria entre a rede de televisão e o Instituto Nacional de Análise Integrada do Risco Ambiental (CNPq/FAPESP), que tem como sede a nossa Faculdade. Participaram do evento, coordenado pela Jornalista Flávia Freire, os Professores

Douglas Dockery, diretor do programa de saúde ambiental da Universidade de Harvard, a Dra Tanya Müller e o Professor Paulo Saldiva, que apresentaram ao Governador Geraldo Alckmin, ao Prefeito Gilberto Kassab, aos Prefeitos das cidades da Região Metropolitana de São Paulo, a várias autoridades dos governos estaduais e municipais, aos jornalistas e dirigentes da rede Globo e à população geral, as consequências de um ambiente urbano inadequado sobre a saúde da população. O motivo central do encontro era fazer chegar o conhecimento científico de ponta aos tomadores de decisão e à população o que se conhece sobre a relação entre poluição e saúde humana.

Nos programas da série Respirar, foi utilizado um aparelho, desenvolvido em parceria entre a FMUSP e a Globo, capaz de medir as concentrações de partículas finas e ozônio em tempo real, que percorreu várias ruas, avenidas e logradouros públicos da região metropolitana. O diagnóstico não foi

animador, dado que todas as medidas realizadas revelaram níveis inaceitáveis de poluentes, com evidentes danos à saúde humana. Por exemplo, os dados apresentados no seminário indicaram que os níveis atuais de poluição do ar de nossa cidade promovem a mortalidade precoce de 4000 paulistanos por anos e reduzem a expectativa de vida média de nossa cidade em 3,5 anos. Um efeito deste porte merece ser considerado como um tema relevante em termos de saúde coletiva.

As cidades de hoje concentram oportunidades - cultura, lazer, educação e empregos - bem como alguns riscos à saúde. Crescimento desordenado, perda da cobertura vegetal, mudanças do clima urbano por desmatamento e consumo excessivo de energia, violência e desigualdade sócio ambiental são o pano de fundo das megacidades dos países em desenvolvimento. Nossa cidade é um exemplo marcante desta situação. Utilizando os jargões de nossa profissão, a cidade de São Paulo pode

ser considerada como um organismo vivo, sendo nós, os seus habitantes, as células que compõem os seus órgãos, ou bairros. Os sinais e sintomas são claros. Nossa cidade tem febre, representada pelas ilhas de calor urbano, edemacia nas chuvas, desidrata na estiagem, tem uma insuficiência circulatória por congestionamentos intermináveis e obstrução de vias aéreas pelo ar poluído. Somam-se a este conjunto de situações problemas de insuficiência renal, pela dificuldade de eliminarmos o lixo que produzimos, diabetes pela ineficiência energética, diarreia profusa nos rios, bem como, devemos confessar, impotência pela impossibilidade de modificarmos esta situação.

O cenário acima exposto tem importantes implicações em saúde. O ruído constante altera a qualidade de nosso sono e capacidade cognitiva, acelerando a presbiacusia. As horas que passamos em congestionamentos intermináveis em meio a corredores de poluição promovem stress e



Sociedade

morbidade mental e cardiovascular. A violência urbana, no trânsito ou motivada pela criminalidade, nos leva à insegurança e morbimortalidade aumentada por traumas. Este quadro é agravado pela pobreza e contrastes sociais e econômicos, que fazem com que a população mais carente, habitante de bairros de periferia e com menor infraestrutura urbana e poucos serviços ambientais tenha uma maior exposição aos agentes adversos do ambiente das megacidades.

Para fazer frente a este quadro, os profissionais de saúde devem se ocupar de temas não classicamente presentes na sua agenda temática convencional. Por exemplo, dengue é também o resultado de acúmulo de lixo sólido, que forma os criadouros naturais do mosquito após chuvas torrenciais, estas últimas motivadas pelas modificações do microclima urbano. A poluição atmosférica é fruto da combinação de uma política pouco eficiente de transportes coletivos, da venda de combustível de má qualidade e de veículos tecnologicamente defasados. Estes exemplos indicam que a Saúde deve participar do debate ambiental, procurando defender o animal que lhe compete - o ser humano.

Felizmente o nosso País evoluiu muito no tema da proteção de áreas remotas florestas, rios e ambiente costeiro. O mesmo não se pode dizer da legislação ambiental em áreas urbanas, que traduz o conhecimento científico dos anos 1970/1980. Em resumo, uma legislação de primeiro mundo nas áreas naturais e de terceiro mundo aplicada nas áreas urbanas. As razões de nos mantermos defasados na legislação de qualidade do ar são de natureza econômica e jamais de saúde. Temos como produto o que pagamos por ele. Como nossa legislação é dos anos 1980, a qualidade do ar de nossa cidade corresponde à das cidades norte-americanas no início dos anos 1980. Enquanto isso, jaz convenientemente adormecido há quase um ano, em algum escaninho da Secretaria Estadual do Meio Ambiente o projeto para adotarmos paulatinamente os padrões de qualidade do ar da Organização Mundial da Saúde.

A presença de incentivos para a realização de ações ambientais positivas em áreas naturais é extremamente positiva e deve ser incentivada. No entanto, devemos todos nós, profissionais da saúde, procurar identificar a chamada "maquiagem verde" processo pelo qual as empresas poluidoras no cenário urbano promovem

ações sustentáveis fora da sua esfera de negócios, procurando adornar-se com as penas da sustentabilidade. Empresas que possuem práticas de qualidade distintas a depender do país em que operam em geral mais limpas nos países mais ricos e vice-versa - geralmente procuram justificar esta dualidade ética com ações de maquiagem verde, procurando justificar a prática do racismo ambiental.

Algumas considerações finais. Os processos que deterioram a qualidade do ambiente urbano são também produtores de riqueza e, portanto, não devemos contrapor desenvolvimento com sustentabilidade. Este é um novo desafio para a Saúde, visto que os nossos agentes patogênicos clássicos, como o mosquito da dengue, por exemplo, não emprega ninguém e paga impostos. A Saúde deve entender este processo e incorporar a economia da saúde em suas ações. Todo empresário sabe quanto custa atualizar ou aprimorar os seus produtos. O que nunca se discute é quanto pagamos com nossa saúde pela manutenção de um processo de desenvolvimento econômico ultrapassado. Por exemplo, estudos em várias partes do mundo, inclusive no Brasil, demonstram claramente que a adoção de um diesel com baixo teor de enxofre é vantajoso em termos ambientais e também econômicos, pois os ganhos em economia de gastos em saúde ultrapassam em muito os custos de melhoria do combustível. Desta forma, é importante que participemos do debate sobre como queremos nosso futuro, incorporando a temática da saúde na formulação de políticas públicas. Os profissionais da saúde têm neste momento o dever de contribuir no debate ambiental, considerando que os desafios ambientais podem comprometer a qualidade de vida e a saúde humana em escalas continentais e globais. O acúmulo de substâncias tóxicas no meio físico da Terra e o aquecimento global representam talvez o maior desafio à saúde e qualidade de vida da espécie humana. O aumento da mortalidade pela exposição constante aos poluentes, a antecipada escassez de água em áreas carentes (no nosso caso, a região Nordeste do Brasil), a escassez de alimentos decorrentes da desertificação do solo, o aumento das doenças infecciosas que possuem insetos como vetores (dengue e malária, por exemplo), a maior frequência de desastres naturais como inundações e ventos intensos, variações extremas de temperatura (para mais ou para menos) e seus efeitos adversos à saú-



de, a deterioração da qualidade das águas pela salinização dos aquíferos, a formação de correntes migratórias no Brasil e na América do Sul a partir das regiões mais afetadas, são alguns dos cenários previstos para os próximos anos, caso medidas efetivas de controle das emissões não sejam implementadas. Por outro lado, a maior parte das mudanças de hábito pessoal que conduzem a menor consumo energético são reconhecidamente capazes de produzir efeitos benéficos à saúde das pessoas. Caminhar mais até chegar ao transporte coletivo, andar de bicicleta, consumir menos carne, comer alimentos saudáveis, são atitudes que levam a reduções significativas e imediatas do risco para doenças cardiovasculares, diabetes, osteoporose, demência e câncer. Desta forma, do ponto de vista médico, mudanças de atitudes visando a sustentabilidade evitam o pior, promovem a saúde e trazem benefícios reais e imediatos.

Ao assumir que o comportamento humano promove o consumo excessivo e por entender que o próprio homem é objeto dos efeitos adversos das alterações ambientais, o profissional da saúde coloca-se em um papel estratégico para estimular mudanças de hábitos. Assim foi com o tabaco e, esperamos, assim será com o consumo excessivo de energia fóssil. No caso do cigarro, foram necessárias várias décadas de engajamento dos profissionais da saúde. Infelizmente não teremos o mesmo tempo nos dias presentes, dado que a Natureza não negocia as suas regras, demandando atitudes imediatas. Compete aos profissionais da saúde orientar os pacientes e as instituições de saúde onde trabalham sobre o potencial efeito das alterações ambientais sobre o ser humano. Devemos liderar pelo exemplo, reduzindo o consumo de energia como cidadãos e incentivando que os

nosso locais de trabalho também assim procedam. Devemos agir como parceiros da sociedade civil propondo ações de mitigação das emissões e adaptação frente aos seus impactos. Devemos fazer parte daqueles que urgem por medidas efetivas e rápidas de nossos governantes, por meio da definição de metas claras de redução de emissões. Devemos auxiliar na identificação e tratamento dos segmentos da população que apresentem maior vulnerabilidade à poluição e o clima. Finalmente, devemos atuar como educadores, utilizando como plataforma de ação conceitos como limites, ética e coragem. Limites para sabermos quanto podemos utilizar de energia no futuro. Ética ao informar que as alterações locais e regionais da atmosfera afligem os segmentos menos favorecidos da sociedade e que menos contribuíram para a contaminação atmosférica. Coragem para enfrentar o debate no campo das idéias com setores possuidores de visões opostas, tais como alguns agentes financeiros e de grupos do setor produtivo, como a indústria do petróleo e automotiva. A respeitabilidade dos profissionais da saúde frente à população nos confere credibilidade. Ao mesmo tempo, nos indica que se não agirmos agora poderemos, mais tarde, sermos culpados do pecado da omissão. Na verdade, o seminário Respirar foi um enorme passo para o debate das opções de desenvolvimento futuro que hoje somos possuidores, o qual foi possível pela articulação entre a academia e a sociedade civil, somente possível pela parceria com uma empresa de comunicação que teve a coragem e a disponibilidade de abordar estas complexas questões em profundidade.

O Dr. Paulo "Pepino" Saldiva é professor titular de Patologia da FMUSP e foi palestrante do Seminário RespirAR

Residência Médica

O governo e a residência médica

Publicado no jornal
'O Estado de S. Paulo' em
17 de Outubro de 2011

Depois de extinguir o credenciamento especial dos cursos de pós-graduação lato sensu oferecidos por instituições não educacionais, atingindo com isso - entre outras consequências desastrosas - os cursos de especialização oferecidos pelos mais renomados hospitais do País, o Ministério da Educação (MEC) voltou a causar confusão no setor. Agora, com o objetivo alegado de resolver o problema da falta de médicos na área de saúde pública, o Ministério da Educação, em parceria com o Ministério da Saúde está interferindo nos programas de residência médica dos hospitais universitários.

Por meio de uma simples portaria, os dois Ministérios determinaram que os médicos recém-formados que participarem do Programa de Valorização do Profissional de Atenção Básica durante um ano terão direito a receber pontuação extra nas provas de seleção para residências médicas.

Como a procura por vagas em residências é muito maior que a oferta, os médicos recém-formados candidatos a uma vaga são submetidos a provas ainda mais rigorosas do que as dos vestibulares em medicina. A escolha baseada exclusivamente no mérito e na competência técnica é um dos fatores que contribuem para a alta qualidade da formação dos profissionais em medicina no País, segundo as entidades especializadas e órgãos corporativos do setor médico.

A concessão de pontuação extra aos recém-formados que trabalharão em hospitais públicos, proporcionada pela portaria do Ministério da Educação e do Ministério da Saúde, nada tem a ver com mérito e desfigura o eficiente sistema de seleção das residências médicas. Além disso, a portaria fere o princípio da autonomia universitária, pois impõe aos hospitais mantidos por instituições de ensino superior critérios e obrigações que nada têm a ver com ensino, capacitação técnica e treinamento.

Para os coordenadores de residência médica das principais universidades brasileiras e para os dirigen-

tes dos órgãos corporativos do setor, a portaria do Ministério da Educação e do Ministério da Saúde é prejudicial também porque leva médicos recém-formados e sem um mínimo de experiência a assumirem na rede hospitalar pública responsabilidades para as quais não estão preparados, apenas para obter a pontuação extra para as provas de seleção.

"Um médico que sai da faculdade não tem condição de estar à frente de um serviço de atenção básica na rede pública", diz o presidente do Conselho Regional de Medicina de São Paulo (Cremesp), Renato Azevedo Júnior. "Sem o preparo necessário, esse profissional vai se transformar num mero encaminhador de pacientes para outros serviços", acrescenta o vice-diretor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, José Auler Júnior.

A portaria dos Ministérios da Educação e da Saúde cria dois problemas onde havia um só. Para resolver o problema da escassez de médicos na rede pública, ela compromete a qualidade do ensino da medicina. E os médicos que ela estimula a trabalhar nos hospitais públicos não têm preparo e experiência para atuar nos serviços de emergência e pronto atendimento, o que submete os pacientes a uma assistência médica de má qualidade, expondo-os a situações de risco.

"Foi uma tática para tapar buraco" resume o presidente do Cremesp. Reagindo às críticas, a secretária executiva da Comissão Nacional de Residência Médica, Maria do Patrocínio Nunes, alega que "toda mudança gera uma discussão" e que a polêmica provocada pelo Programa de Valorização do Profissional de Atenção Básica já era esperada pelos Ministérios da Educação e da Saúde. Esse argumento revela a precariedade do processo de decisões de fundamental importância para a saúde e o bem-estar da população.

Invocando o princípio da autonomia universitária previsto pela Constituição, a direção da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo anunciou que não mudará os critérios vigentes de seleção para residência médica. A direção da escola não pretende nem mesmo recorrer à Justiça, para questionar a portaria. Vai simplesmente ignorá-la.

Carta aberta à População Brasileira

São Paulo, 26 de setembro de 2011

O acesso universal aos serviços de saúde é contemplado pela Constituição de 1988 como direito de todos e dever do Estado, no entanto, a viabilização desta diretriz sempre representou um obstáculo difícil, tratado por muitos como intransponível, em um país de dimensões continentais como o Brasil. As tentativas e propostas para solução do problema foram as mais variadas ao longo dos anos, no entanto, nunca se conseguiu estabelecer um programa eficaz e capaz de suprir as necessidades da população. O sucesso de tal empreitada depende substancialmente de uma grande mobilização de recursos e de uma análise crítica e aprofundada das necessidades de saúde da população brasileira. Não se pode, portanto, acreditar que a resolução de uma demanda tão complexa pode ser obtida sem um esforço político intenso, um aporte financeiro significativo e principalmente amplo debate com a sociedade civil. Infelizmente, não foi assim que se pautou a Resolução nº 3 da Comissão Nacional de Residência Médica, publicada em 16/09/2011. O citado documento estabelece bônus de 10 a 20% na pontuação final dos candidatos aos programas de Residência Médica que tenham participado por pelo menos um ano do Programa de Valorização Profissional da Atenção Primária.

Vale a ressalva de que os programas de Residência Médica são concursos públicos de concorrência acirrada nos quais os egressos das faculdades de Medicina buscam a complementação de sua formação profissional e uma especialização em área específica do conhecimento médico. Dispensa-se dizer que bonificações como as previstas não só alterarão o resultado final de maneira gritante como se tornarão condição indispensável para aprovação em futuros exames.

Sob a bandeira de interiorizar os serviços de saúde e promover a fixação dos médicos em comunidades onde o Estado se faz pouco presente, a resolução causa uma inversão de valores explícita não sendo benéfica nem a população nem a classe médica. Não garante a fixação de médicos especializados em Atenção Primária à Saúde nas regiões com maior necessidade, mas a presença de médicos recém-formados, com pouca experiência, vivenciando condições de trabalho

precárias e incompatíveis com a prática da Medicina.

À população será oferecida assistência de baixa qualidade e realizada por médicos cujo único intuito será obter bonificação em um exame e que abandonarão a comunidade em curtíssimo tempo. Este cenário é impensável segundo a ótica do Programa de Saúde da Família - PSF que preconiza como um de seus pilares o atendimento e acompanhamento em longo prazo do paciente, de sua família e da comunidade na qual este se insere. À classe médica serão oferecidas condições de trabalho, fixação e remuneração incompatíveis com o exercício profissional digno. Utilizar-se-á, na forma de serviço civil praticamente obrigatório, da mão de obra barata de recém formados como solução fácil e absolutamente ineficaz para um problema cuja solução passa pela valorização da especialidade de Medicina de Família e Comunidade, a criação de um plano de carreira para médicos do Estado e, principalmente, investimentos significativos na construção e manutenção de aparelhos de saúde em todas as regiões do país.

Não bastassem todas as críticas pertinentes à iniciativa, ainda merece destaque o escasso e superficial debate com a sociedade civil. Grande parte das agremiações estudantis, associações de classe, Escolas e Faculdade de Medicina e até mesmo Comissões Estaduais de Residência Médica foram surpreendidas com a aprovação da Resolução estruturada às pressas sem a devida mobilização e diálogo com os grupos sociais diretamente envolvidos.

A apreensão e desconfiança só se exacerbam quando se nota que o projeto, embora aprovado, não apresenta regulação ou estruturação sólidas. Não passa de diretrizes nebulosas e um grupo de trabalho ainda não estabelecido. O intuito de aprovação relâmpago é influenciar os programas de Residência Médica já em 2012 com a reserva de vagas. Tal objetivo já seria por si só inviável, para não dizer irresponsável.

Questionamentos básicos como o tempo de duração da bonificação, o número total de vagas, o método de seleção dos interessados, o critério de avaliação dos médicos participantes e a supervisão dos recém-formados ainda permanecem sem resposta, mesmo a poucos meses do início das atividades.

O grande esforço para aprovação,

Greve na USP

Um combo fatal

Publicado no Jornal "Correio Braziliense" em 30 de Outubro de 2011

Alon Feuerwerker

Antes a liberdade nas universidades era uma ideia vinculada à urgência de conquistar espaços no autoritarismo. Era uma ideia certa. Agora aparece como ameaça de instalar no Brasil regiões em que o crime organizado pode agir sem temer a presença da autoridade policial. É uma ideia 100% errada

Grupos de estudantes, professores e funcionários da USP rebelaram-se porque a Polícia Militar deteve alunos que consumiam droga no campus. Passaram a exigir a saída da PM, entraram em confronto com policiais que participaram da ação e ocuparam um edifício para pressionar.

Pedir a saída da PM do campus universitário é posição revestida de alguma aura, pois evoca os tempos da ditadura. Aliás é um fenômeno corriqueiro entre nós: gente que não chegou -por falta de vontade, coragem ou oportunidade- a combater o regime militar quando ele existia, enfrenta-o com radicalismo quando ele não existe mais.

É conveniente, pois permite ao protagonista ser ao mesmo tempo extremado nos propósitos, portador de uma condição moral supostamente acima, e permanecer em posição segura. Pois lutar contra uma ditadura que hoje só existe nos livros de História traz bem menos risco, inclusive físico.

Mas esse seria um debate secundaríssimo, não houvesse aqui algo grave além da conta. Impedir a entrada da polícia nos campi de todo o país (não há por que a USP ser exceção) significaria,

na prática, acelerar a transformação deles em territórios desimpedidos para o tráfico de drogas e demais crimes conectados à atividade.

E isso será um problema não apenas para a universidade. Os campi transformar-se-ão em centros irradiadores de atividade criminosa. Pois não haverá uma barreira física a separá-los da vizinhança, não haverá revistas em quem entra ou sai. Não estarão cercados pela força armada estatal.

Antes a liberdade nas universidades era uma ideia vinculada à urgência de conquistar espaços no autoritarismo. Era uma ideia certa. Agora aparece como ameaça de instalar regiões em que o crime organizado pode agir sem temer a presença da autoridade

policial. É uma ideia 100% errada.

Impedir que a ditadura interfira na universidade é uma coisa. Impedir que o Estado democrático aplique a lei na universidade é outra coisa. Completamente diferente. Antagônica.

Pois se é razoável que certas leis, como a que proíbe as drogas, não valham nas universidades, por que não outras leis? Por que não liberar também, por exemplo, o furto? Ou o latrocínio, desde que "socialmente justificado"?

Se o Estado democrático, com sua autoridade repressiva legítima, não pode entrar em determinado lugar, a consequência será o domínio de facções capazes de impor seu arbítrio pela força. E nesse ecossistema o crime organizado vai levar vantagem. Decisiva.

Não vou aqui analisar em profundidade a experiência das Unidades de

Polícia Pacificadora, as UPPs do Rio. A coluna de hoje não é para isso. Mas o conceito é bom. Impor a presença, inclusive repressiva, do Estado em áreas antes controladas por estruturas criminosas dotadas de capacidade e vontade de dominar.

E se a ideia é boa nas comunidades pobres do Rio é melhor ainda nas universidades. Pois nestas há bem mais dinheiro em circulação. E o tráfico de drogas segue a rota do dinheiro, não da pobreza. Eis uma razão por que o crime acelerou mais em anos recentes nas regiões que prosperaram acima da média, ao contrário do que suporia o senso comum.

O ensino superior brasileiro vive um desafio gigantesco. Elevar-se a padrões de excelência internacional. É vetor decisivo para o projeto nacional. O Brasil estabilizou a economia, preserva um bom ambiente para o desenvolvimento econômico e implantou mecanismos de redistribuição de renda. Mas não dará o salto adiante se nossas universidades permanecerem na rabeira diagnosticada por todos os estudos e rankings.

Essa deveria ser a preocupação, inclusive na comunidade universitária. E isso nada tem a ver com a frouxidão diante do consumo de drogas, do seu tráfico, ou do tráfico de armas. Sim, pois é um combo. Não há como comprar um sem levar o outro.

Alon Feuerwerker foi presidente do CAOC nos anos de 1978 e 1979 e atualmente é colunista de política do Correio Braziliense

mesmo nestas condições, sugere que o intuito central não é a melhoria da assistência à população, mas visa um objetivo puramente político. Ainda, aponta para a supressão do debate e autoritarismo na tomada de decisões unilaterais sem a devida discussão com a sociedade e com os agentes da atenção à saúde. Frente ao exposto, os Centros e Diretórios Acadêmicos aqui vinculados, representando seus estudantes, repudiavam a Resolução nº 3 de 16/09/2001 da Comissão Nacional de Residência Médica. Exigem, ainda, a suspensão das determinações do citado documento e um amplo debate com a sociedade prévio a aprovação e aplicação de quaisquer medidas tão relevantes ao país. Por fim, convocam as demais instituições civis para se manifestarem e se envolverem na discussão sobre o tema.

Centro Acadêmico Oswaldo Cruz*(Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo)***Centro Acadêmico Manoel de Abreu***(Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo)***Centro Acadêmico Rocha Lima***(Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo)***Centro Acadêmico****Medicina Sérgio Arouca***(Universidade Federal de São Carlos)***Centro Acadêmico Emílio Ribas***(Faculdade de Medicina de Catanduva)***Diretório Acadêmico Samuel Pessoa***(Faculdade de Medicina da Pontifícia Universidade Católica de Campinas)***Centro Acadêmico Medicina***(Universidade Cidade de São Paulo)***Diretório Acadêmico****Professor Alphonso Bovero***(Faculdade de Medicina de Jundiaí)*

Nota Pública sobre a Greve Geral da USP

São Paulo, 8 de Novembro de 2011

No último dia 8 de Novembro, a Assembléia Geral do DCE, convocada sob a pauta "Tropa de choque no campus e prisão de estudantes", deliberou pelo início imediato de greve estudantil na Universidade de São Paulo.

Frente a essa situação, e em especial aos tristes fatos ocorridos nas últimas semanas no campus Butantã da USP, o Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, entidade de representação dos estudantes de Medicina da Faculdade de Medicina da USP, vem através desta expor publicamente

seu descontentamento com os desdobramentos radicais e maniqueístas do debate sobre segurança na USP.

Não se pode aceitar, dentro ou fora dos muros da Universidade, o uso da violência ou repressão contra movimentos pacíficos baseados na livre expressão de idéias. Tampouco, cogitar que a Polícia, que deveria funcionar como instrumento de proteção aos cidadãos, torne-se instrumento de opressão e coerção da sociedade.

Não se pode confundir, no entanto, manifestações e questionamentos legítimos com depredações de patrimônio público ou quaisquer outros desrespeitos à lei, mascarados sob um discurso

pouco representativo. Estas atitudes são inaceitáveis em qualquer ambiente e não estão de acordo com a forma de atuação deste Centro Acadêmico.

A realidade atual da Universidade de São Paulo, a nosso ver, é a falta de diálogo e bom senso entre as partes que constituem ou que deveriam constituir o debate a respeito de segurança. O CAOC, como em toda sua história, se portará como entidade responsável que busca o debate consciente, e que acima de tudo, represente a opinião de seus alunos.

É necessário ressaltar que ações e deliberações de setores minoritários não necessariamente representam a maioria dos estudantes desta Universi-

dade, e que a metodologia utilizada para a instituição desta paralisação não é a mais adequada ou a mais democrática. Por esta razão, este Centro Acadêmico consultará diretamente os alunos da Faculdade de Medicina a respeito da questão da segurança da Universidade e da greve proposta, antes de ações mais contundentes, por julgar que somente desta maneira constrói-se um movimento estudantil responsável e de fato representativo.

*Centro Acadêmico Oswaldo Cruz
Dos Estudantes da Faculdade de
Medicina da USP*

Aconteceu na FMUSP

69º Show Medicina

André Moraes Sarmiento (95)

Grandes datas merecem grandes apresentações. Algo de especial, de inovador, de audacioso deveria ser feito. Se este ano ainda não era a tão aguardada 70ª apresentação, foi a 69ª! Sexagésima nona. M-E-I-A N-O-VE. Podemos dizer que a “numerologia” já apontava, a todos, os rumos que esse ano teria. Porém, o que não esperávamos de início eram as influências que essa analogia numérica poderia ter sobre outros setores da faculdade e até mesmo do governo federal. Imbuídos deste espírito - digamos - de “atentar libidinosamente aos alunos desta faculdade”, determinados grupos de professores resolveram simplesmente deixar de lado o que significa ética e amor à Casa, e decidiram pensar apenas em seus bolsos e novos planos políticos. O Show Medicina não poderia deixar barato.

A história desta apresentação começa uma semana antes da data da mesma. Começam a aparecer, pela faculdade, os cartazes do Show deste ano. À distância, aparentam ser somente uma nova versão da ilustre caveira do Show. Mas, de perto, percebe-se que se trata de uma série de corpos femininos (noventa, para ser exato) nus e entrelaçados de modo a constituir a tal caveira. Audacioso? Irreverente? Ousado? Indecente? Motivo de revolta de grupos feministas de outras unidades da USP? Sim. Esse é o Show Medicina. Muito prazer.

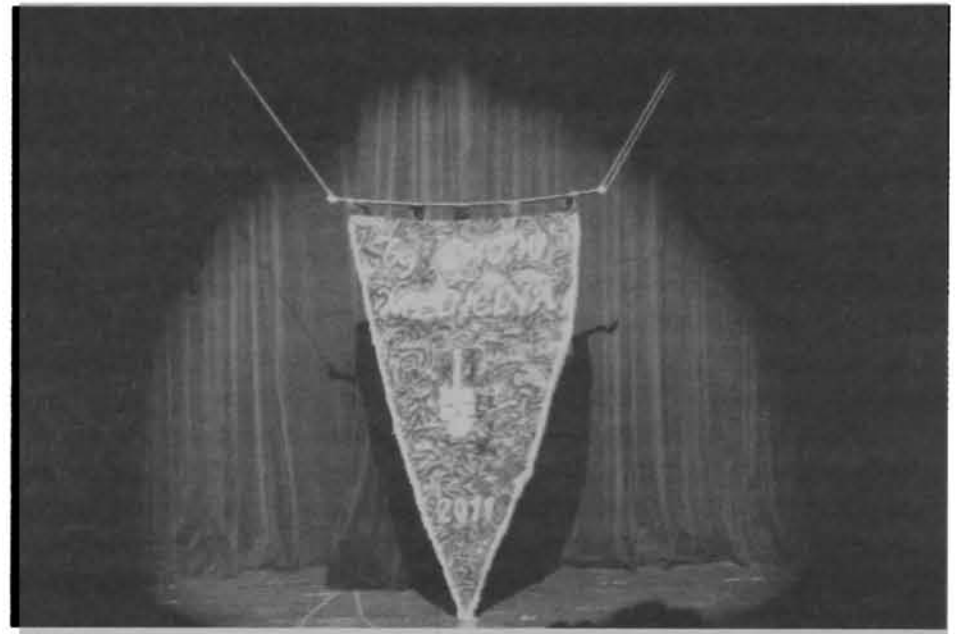
A apresentação, propriamente dita, tem início no dia 6 de outubro e marca a despedida da fantástica turma 94. Trajados de revolta, fúria, rebeldia e muita purpurina, sobem ao palco como a trupe de Laranja Mecânica mais irreverente desde Stanley Kubrick: Arthur “Judeu” Hirschfeld Danila; Bruno Forato Brinquinho; Gabriel “Fidobeto” Rassi; Lucas Archanjo Gury; Lucas “Fubá” Amâncio; Luis Gustavo “Golfinho” Zamboni; Matias “Nojento” Chiarastelli Salomão; Pedro “Pedrinha” Garcia Checchi; Pedro “Descalço” Mendonça Ferreira; Saul Almeida da Silva; e Victor “Jô Soares” Almeida Peloso.

Segue-se a essa primeira impressão, o Quebra. Encenado pela diretoria

deste ano (Gustavo “Apelido” Linhares, Flavio “Sorocaba” Miorin e Rodrigo “Avaré” Bolini), trouxe de volta ao palco a clássica cena dos Looney Tunes entre Perna-Longa, Patolino e Hortelino Troca-Letras e encerrando com o também tradicional “That’s all folks”. Assim começava o 69º Show, com a subida da magnífica flâmula deste ano e ao som de “Salve a Escola” (gravada e instrumentada pelos sexto-anistas).

O Quadro de Abertura veio com o intuito de “premiar” os destaques da faculdade e do hospital e, dessa forma, encenou a Entrega do Prêmio Show Medicina. Com direito a toda pompa e luxo, os apresentadores desfilavam pelo palco e traziam à tona os candidatos a cada categoria. Cabem como destaques cômicos as representações de Dra Silvia da neonato e Dra Mazé da Clínica do HU (ambos encenados por Jô Soares); Beth Kim da Clínica do HU (por Archanjo); e Dra Gabi do SCUT (por Nojento e sua manobra de RCP). Como homenagem, ficam os destaques dos preceptores Kunitake e Portuga (encenados por Fubá e Pedrinha). E como crítica - a primeira de muitas dessa noite - fica o destaque negativo de Scalabrini (também por Archanjo) e todo seu esquema para “privatizar” o Lab Hab.

Na sequência, após a entrega das flâmulas, deu-se início ao Grupo Lírico Universitário Medicina (GLUM). Encabeçados pela turma 95, os estrelas tinham em mente três motes principais: comédia, crítica e arte. E com esse espírito, inovamos e criamos um GLUM diferente de todos os anteriormente vistos: um musical. Nele, foi narrada a história de um interno (interpretado por este mesmo que vos escreve) que começava seu trajeto pela enfermaria da Cirurgia Geral e a temerosa visita com Dr. EdVader (Yoshi). Surpreendendo com jogo de vozes, solos, duetos e pausas ao longo da música inicial (inspirada em “Bonjour - A Bela e a Fera”), a primeira impressão fora passada. Após, seguia-se a trama na qual Milton e Patrô (Batera e Du Moscovis, respectivamente) tramavam contra a faculdade com seu plano de 10 e 20% de bonificação na prova de residência. A história se desenvolvia e trazia à trama Scalabrini (Feijão) e seu exército de bonecos do Lab Hab, isolados dos alunos da



faculdade. Logo, porém, descobria-se que tudo fazia parte do plano de Milton e Patrô de excluir toda graduação, o que causa a internação compulsória do interno no IPq. Por fim, ao som do piano de Feijão, cantou-se a revolta da faculdade em tom de “Total Eclipse of the Heart”, para a comoção geral do Teatro, que explodiu em ovação.

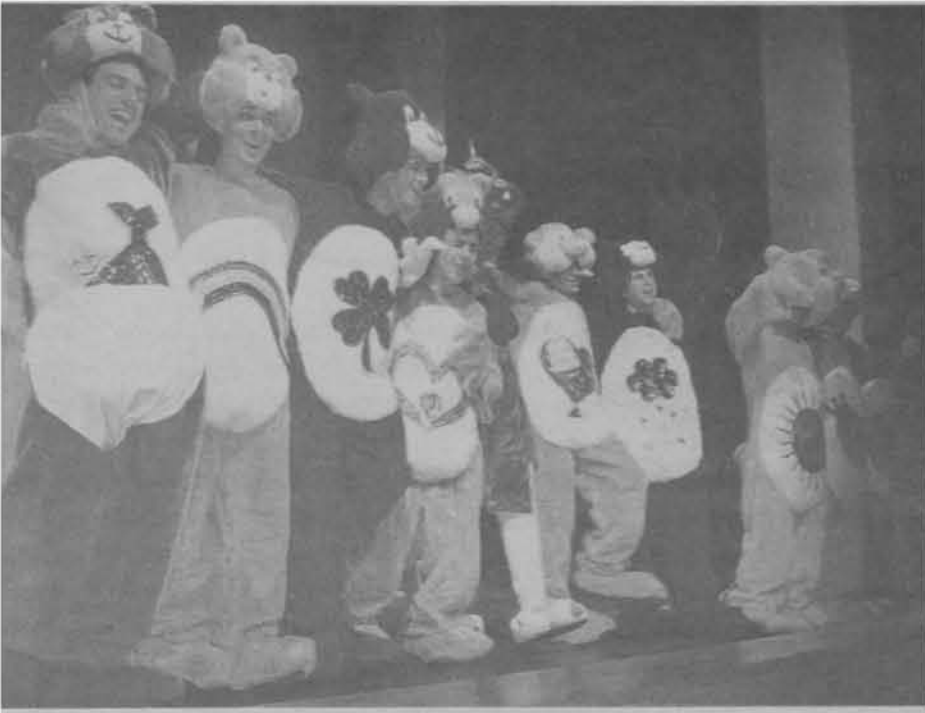
Deu-se espaço, então, para o Ballet Universitário Medicina (BUM) que, comandado pelo coreógrafo Felipe “Feijão” Saraiva Bernardes, apresentou sua versão cênica da Corrida Maluca. Impressionando, logo no princípio, com uso de patins e os excelentes carros feitos pela Costura, as danças apresentaram uma dinâmica nova e surpreendente, contando com o excelente desempenho dos integrantes da turma 94. Algumas cenas que merecem destaque foram: a entrada da Quadriilha da Morte; a música Party Rock Anthem com o Shuffling (com destaque para a performance de Feijão e Jô); o Pas de deux (encenado por esses dois últimos); e a cena com o saioote esvoaçante da Penélope Charmosa. Ao final, sob fortes aplausos do público, vimos a passagem das sapatilhas para Tales “Maria Baixinha”, que ganha - merecidamente - essa grande responsabilidade.

Para a continuidade da apresentação, o palco dava espaço para o Quadro. O quarto ano comandou dessa vez um verdadeiro faroeste da faculdade de medicina. Foi contada a história do Forasteiro (Maria Baixinha) e sua saga para salvar a “linda donzela” Bela (Rafael

Tuma) das garras do temível Dr. Kalil (Lepri) e seus comparsas. Além da já citada irônica Bela, vale à pena ressaltar as participações especiais de: Bolinha de Feno/Queijo; o índio Marombiza e sua dor de saudade; Samurai como Gandhi; e Cabo como Mutarelli, as quais arrancaram efusivos risos da platéia, além de novas críticas à toda situação do Lab Hab e Scalabrini.

Era, portanto, chegada a hora do Coral Universitário Medicina (CUM) fazer sua aparição. Carregando o prestígio e a responsabilidade da ótima apresentação do ano anterior, era esperado o mesmo espírito e grandiosidade do maestro Michel Vitor “Du Moscovis” Haddad. Não ficou por menos. Com o tema The Beatles, o Coral fez renascer, na ribalta, a banda de rock de Liverpool para entusiasmo de todo Teatro. Trouxemos de volta, também, uma característica que a muito não era explorada: associar o tema com as músicas parodiadas, sendo portanto praticamente todas elas, versões de músicas da banda inglesa. E, como não poderia faltar ao trazer para o palco a maior banda de todos os tempos, organizamos nossa versão da banda britânica (formada pelo próprio maestro, eu, Judeu, Golfinho e Willian “Corneta” Zocolaro), a qual abriu e fechou a apresentação; tornando estes os pontos altos do Coral. Ressalta-se também o excelente trabalho da cenografia desse ano, que pintou quatro maravilhosas telas para Coral e Ballet. Quanto à passagem da batuta... Bem, deixe isso para o próximo ano e que

Aconteceu na FMUSP



venha o bi de Du Moscovis.

Antes de falar do encerramento, é importante lembrar-se da Apresentação. Este foi o último ano de Saul, que - após cinco anos de dedicação - passou a responsabilidade para Strike. Este começou sua difícil missão muito bem ao preparar um inesperado pudim em

pleno palco e arrancar gargalhadas da platéia. É preciso lembrar também de alguns bons quadros dos calouros, que mantiveram o público entretido, como a paródia de UFC entre Amy Winehouse e Anderson Silva, e a epopéia de um calouro narrada via Nextel.

Obviamente, não poderia deixar

de falar delas. Elas, que sem as quais não haveria tal apresentação. Elas: a Costura. Parabéns às diretoras Priscila Suguita e Tayrine Mazotti, e a todas as outras integrantes, que fizeram deste ano, não apenas possível, mas verdadeiramente perfeito. Meus - e em nome de todo Show Medicina, tenho certeza - sinceros agradecimentos. E falando em Costura, nos traz ao nosso próximo, e último, quadro deste 69º Show: o Encerramento do Sexto Ano. Usando de toda habilidade das meninas na máquina de costura, a 94 trouxe o nostálgico tema dos Ursinhos Carinhosos para fazer sua versão dos Internos Carinhosos. Com as felpudas e coloridas fantasias somadas a coreografias de músicas como Backstreet Boys e Spice Girls, arrancaram suspiros e gargalhadas do Teatro pela última vez.

Este foi o 69º Show Medicina. Criticamos quem deveria ser criticado; rimos de quem quisemos rir; homenageamos quem precisava ser homenageado e nos emocionamos com tudo o que fizemos. Ficam, também, os agradecimentos a todos colaboradores, funcionários e diretoria da Faculdade de Medicina,

que ajudaram a tornar este espetáculo possível. Há um ano, neste mesmo espaço, disse que saíamos grandes de 2010 e voltaríamos gigantes para 2011. Este é o espírito que fica em todos integrantes ao final desse ano: de enormidade. E, como se não bastasse, para se despedir dos palcos, a 94 preparou o melhor vídeo dos últimos anos deixando, para os que ficam, a responsabilidade de fazer um Show verdadeiramente épico em 2012 e continuar honrando este legado. Assim, me despeço aqui com a música do vídeo e dizendo: Confie e voltem no ano que vem, o melhor ainda está por vir...

*"Nesse Show, essa é a última canção
Pra guardar no coração
São seis anos que sempre valem à pena
Neles cabem o que não cabe numa cena
Cabe o meu amor
Cabe estrela e costureira
Pra durar a vida inteira
é o fim do Show.
Mas agora nesse Show..."*

**André Moraes Sarmiento (95) é
Estrela do Show Medicina**

SUSHI SHOW

JAPANESE FOOD

Apresente sua carteirinha de Estudante, Residente, Professor ou Funcionário da Faculdade de Medicina USP, HC e INCOR e ganhe ...

Até 60% de Desconto!

Aos Domingos, acompanhado de um pagante integral, você terá 60% de desconto.
Nas terças, quartas e sábados, acompanhado de um pagante integral, você terá 50% de desconto.
Nas quintas e sextas, acompanhado de um pagante integral, você terá 40% de desconto.
Promoção válida para outubro e novembro de 2011.

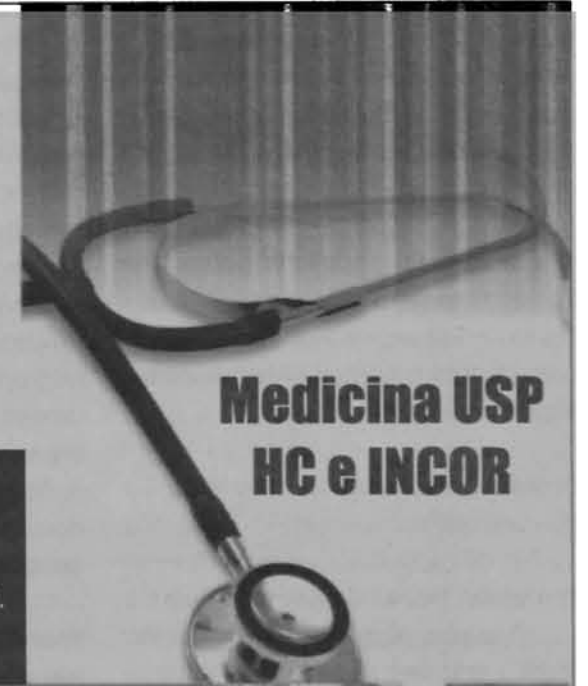
Sashimi, Sushi a vontade! Uma sobremesa incluída.

Aberto de segunda a segunda, almoço e jantar.



Rua Capote Valente, 544 - Pinheiros
www.sushishow.com.br 11 3062 3353

Aceitamos todos os cartões de crédito e débito, Ticket Refeição, Sodexo e VR



Graduação

Por que resolvi ser médico?

Tatiana Kronemberger (95)

Trabalhar muitas horas, estudar a vida inteira, ter pouco tempo pra lazer...isso faz parte de nossas vidas daqui pra frente...sabemos disso...mas então por que queremos ser médicos? Essa é uma pergunta bem difícil de responder se quisermos ser bem sinceros...mas no fundo há uma resposta. Alguns porque encontraram alguém que os guiasse neste caminho, outros porque achavam bonita a profissão...mas inevitavelmente algo nos atrai.

A medicina talvez seja a mais exata das profissões porque o erro pode causar grande dano à vida de um paciente, mas é também a mais humana porque permite uma relação de confiança extrema em que o médico passa a ser não só o profissional de saúde, mas também o confidente, por vezes o amigo.

No nosso dia a dia, nem sempre a cura é possível. Porém, oferecer alívio é uma obrigação. E melhoramos como seres humanos a cada dia, porque temos a oportunidade de ver no outro o sofrimento e como é possível observar melhora quando existe amparo.

No dia do médico vi no blog de um grande hospital a seguinte pergunta: **Por que resolvi ser médico?** E então resolvi enviá-la a vários professores, preceptores e colegas. Abaixo estão alguns dos depoimentos.

Prof Dr José Otávio Costa Auler Jr

Vice diretor no exercício da Diretoria FMUSP

Professor Titular de Anestesiologia

Prezados alunos, venho de uma família grande e simples, sou natural da cidade de Jaú. Dentre vários irmãos, apenas eu resolvi trilhar pelos caminhos da medicina. Optei pela carreira médica porque entendi que poderia ajudar às pessoas, ser útil ao universo, retribuindo desta forma o que me foi dado por Deus. Sempre é tempo de acalantar quem sofre, seja um sofrimento físico ou vindo da alma. Tive apoio de muitas pessoas, inclusive dos alunos para chegar até aqui e sou grato a cada um que participou deste processo. Neste momento procuro retribuir a Instituição com o melhor que posso a acolhida que tive há quase quarenta anos. Ser médico é um acontecimento especial para

aqueles que abraçam esta profissão, embora repleta de sacrifícios.

Prof Dr Edmund Chada Baracat

Professor Titular de Ginecologia

Presidente da Comissão de Graduação FMUSP

Eu decidi estudar medicina ainda muito jovem porque dois tios muito, irmãos da minha mãe eram médicos, um deles formado pela FMUSP nos anos 40 e o outro formado pela UFRJ no começo dos anos 50, eram ginecologistas e obstetras. Então isso despertou minha atenção servindo como inspiração e foi a grande motivação para que eu escolhesse a medicina posteriormente.

Profa Dra Eloisa Bonfá

Professora Titular de Reumatologia

Diretora Clínica do HCFMUSP

Por incrível que pareça, é a primeira vez que respondo a essa pergunta, pois sendo filha e neta de médicos, não me lembro de ter sido questionada sobre o que todos consideravam óbvio. O referencial, no entanto, foi outro, pois tinha um olhar crítico de que ambos eram, para mim, mais cientistas do que "médicos". Dentro desse contexto, eu escolhi a medicina pelo privilégio de poder entender melhor a vida e a honra de poder ajudar os que precisam. Só muito mais tarde, a curiosidade e o desejo de produzir algo que possa trazer uma contribuição maior para a compreensão e tratamento das doenças, que eu acabei me tornando também uma cientista.

Profa Dra Berenice Bilharinho de Mendonça

Professora Titular de Endocrinologia

A minha vocação pela medicina foi incentivada pelos romances de Archibald Joseph Cronin um escritor escocês formado em Medicina, principalmente "A Cidadela". Minha mãe tinha a coleção completa dos livros dele. Neste livro ele descreve a vida de um jovem médico idealista com descrição de vários quadros clínicos que me chamaram muita atenção, me lembro até de um paciente psicótico no qual ele diagnosticou um hipotireoidismo grave com cura do paciente. Fui estudar medicina para ajudar os pacientes a terem uma vida melhor e sempre me senti gratificada em nossa profissão.

Prof Dr Paulo Saldiva (Prof Pepino)

Professor Titular do Departamento de Patologia

Era o início dos anos 1970. Mais precisamente, na metade de 1971, era chegado o momento de fazer a opção no CESCEM (como era conhecida a FUVEST na pré-história) entre as várias profissões. Eram tempos bicudos em nosso País a transição entre os anos 1960 e 1970, onde a efervescência cultural chocava-se com a repressão de uma ditadura que se impunha cada vez mais. Eu fazia teatro e tocava música, era meio bicho grilo e atrapalhado, como ainda o sou neste último quesito. Minhas opções começavam na Biologia, passavam pela Química, triscavam o Direito e daí por diante. A Medicina surge como uma opção pela sua flexibilidade. Sendo médico, poderia ser biólogo, químico, advogado, físico, sociólogo, pastor, bombeiro, policial e também médico. A Medicina abrange o ser humano em todas as suas dimensões e, portanto, abrange todas as áreas do conhecimento humano. Na divisão artificial entre as ciências moles e duras, a Medicina é a mais dura das moles e a mais mole das duras. Em suma, escolhi a Medicina por não ter uma idéia firme do que queria ser. A minha incerteza, à época, foi minha salvação. Encontrei na Medicina a minha realização pessoal, profissional e espiritual. Hoje não me sinto trabalhando e sim me divertindo. Na verdade, é como se fosse pago para fazer o que gosto: fazer e ensinar Medicina.

Profa Dra Magda Carneiro-Sampaio

Professora Titular do Departamento de Pediatria e

Presidente do Conselho Diretor do Instituto da Criança

Por que resolvi ser Médico? Aos 17 anos, o que me impulsionou a prestar vestibular para a Faculdade de Medicina da UFPE foi o fascínio por conhecer as causas das doenças e a biologia humana em geral. No final do 1º ano quase deixei a Faculdade, desestimulada com tanta morfologia estática. Felizmente no 2º ano, encantei-me - definitivamente - pela relação patógeno-hospedeiro, e a partir do 4º, com as questões mais variadas sobre o desenvolvimento. Posso dizer que até hoje, quase 38 anos depois de formada, são estes mesmos temas

que continuam a me estimular dentro da especialidade que busquei: Imunologia aplicada à Pediatria. Descobri, no final do curso, quão instigante era a atividade clínica e hoje o meu grande desafio é o entendimento das relações fenótipo-genótipo nos pacientes com Imunodeficiências Primárias. Sinto-me muito feliz pela profissão que abracei, a qual continua a me instigar todos os dias! Além do desafio intelectual inerente à minha atividade, o contato com as crianças, em particular com os bebês, me abre uma dimensão afetiva por demais gratificante. Outro aspecto que também muito me gratifica é estar inserida numa profissão em que mantenho viva admiração pelo talento de outros colegas, quer aqueles que estão à beira do leito, quer aqueles que geram novos conhecimentos.

Dr Marcos Fumio

Superintendente do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

Resolvi ser médico por uma decisão de família, quando minha mãe teve diagnosticado câncer de mama, em 1992. Percebemos que, sendo uma família de imigrantes, sem nenhum outro parente no Brasil, e eu, sendo filho único, não havia decisão melhor do que essa no momento. Na época, eu estava graduando em Economia na FEA-USP, já procurando os primeiros empregos, e iniciar uma outra graduação em Medicina realmente parecia uma guinada na vida "sem volta". Sempre gostei de trabalhar em áreas que lidam com o bem estar das populações, direta ou indiretamente, seja pelo crescimento econômico do país, ou pela melhoria das condições de saúde. Após formar-me médico pela FMUSP, fiz especializações em administração de empresas, e hoje penso que esta união de conhecimentos: economia, administração e medicina, tem me proporcionado boas condições para que eu continue fazendo o que mais me atrai: melhorar o bem estar das pessoas, gerenciando e otimizando recursos sempre escassos, maximizando a satisfação dos pacientes que procuram o médico e o hospital naqueles momentos em que mais estão necessitadas. No fundo, trata-se de trabalhar dia a dia, para fazer o melhor para as pessoas.

Graduação

**Prof Dr Luiz Vicente Rizzo**

Superintendente do Instituto de Ensino e Pesquisa do Hospital Israelita Albert Einstein

Professor Titular de Imunologia

Por que resolvi ser médico? Vamos lá, se vocês me permitirem gostaria de descrever por que CONTINUO médico. Não há médicos na minha família, entrei na faculdade de medicina aos 17 anos e honestamente, como já se vão 30 anos, nem me lembro bem por que escolhi fazer vestibular para medicina e não advocacia ou engenharia, que eram minhas outras opções na época. Me formei há quase 25 anos e tive inúmeras oportunidades de mudar de rumo minha carreira. Continuo médico atuante porque na medicina eu vejo a oportunidade de praticar as qualidades que mais admiro no ser humano, a generosidade, a solidariedade e a humildade. Acopladas ao desafio intelectual que a medicina representa, não creio que haja profissão mais completa para permitir a realização humanística.

Prof Dr Joaquim Edson Vieira

Professor da disciplina de Anestesiologia

Por que resolvi ser médico? Acho que nem me lembro... Explico porquê: a medicina seja ciência, arte ou as qualificações que mais gostamos se apodera tanto do nosso pensamento cotidiano que fico confuso em buscar essa resposta e ter certeza de que era essa mesmo...Fui um dia altruísta, mas fui também curioso, pensei em receber retorno monetário exuberante, considerei que poderia ficar famoso. Também achei que bastava um bom emprego, ou talvez um modesto consultório - antes de decidir pela especialidade de Anestesiologia. Já quis trabalhar muito e muitas horas, também pensei, cansado, por que não posso trabalhar na mesma medida de outras profissões? Também pensei que poderia ir para o "interior" romântico (?), e ainda flertei com ir para o "exterior" audaz (?). Quis ser algumas especialidades, mas não todas.

E entre aquelas nas quais me vi, até hoje aparecem lampejos "e se"?

Qualquer que tenha sido o motivo, acreditei que era possível e, após 20 anos, mantenho a crença na medicina e em quem a desenvolve com honestidade.

Profa Dra Claudia Maria de Barros Helou

Professora da disciplina de Nefrologia

Por que resolvi ser médica? Desde a minha infância sempre respondi prontamente que queria ser médica. Por quê? Não sei. Na adolescência, eu me encantei com as aulas de História e passei a sonhar com a possibilidade de ser Historiadora ou quem sabe Arqueóloga. Mas, ao se aproximar o vestibular acabei optando por maneira definitiva pela Medicina justamente pela grande abrangência que esta profissão permite. A relação entre os seres humanos associada à possibilidade de proporcionar o bem estar a alguém foi decisiva para a escolha. Na verdade, eu pensava naquela época em proporcionar a cura a alguém como se isso fosse sempre possível! Além disso, a carreira da Medicina poderia também me permitir a atuação na área da investigação e do ensino o que acabou se concretizando. E vocês podem então me perguntar: e a História? Esta passou a ser o meu hobby predileto. Assim, procuro ler livros, visitar museus, assistir filmes, realizar viagens nos momentos de lazer.

Dra Irene Abramovich

Presidente da Associação dos médicos do Hospital das Clínicas

Eis aí uma pergunta difícil de responder... Desde que me conheço como gente quis ser médica. Nunca me vi em outra profissão. Por incrível que pareça esta é a segunda vez na vida que tenho que responder a esta questão. No vestibular, havia prova de redação: preparação sofrida em cima dos fatos do momento, história, política, ciência, artes, etc. Na hora, eis que... Surgiu o tema da prova: Por que escolhi ser médico? Lembro

até hoje do imenso e infinito branco.

Tive um tio muito especial e querido, portador de uma doença óssea congênita e desconhecida e de um saber viver conduzido por sua cabeça fantástica, que passou parte da sua vida internado. Anos da infância no Pavilhão Fernandinho e da idade adulta no HC da FMUSP.

Cresci ouvindo suas lembranças hospitalares, contadas como histórias divertidas. Pelas bordas, falas mostrando carinho, admiração, gratidão, respeito. De frente, amizade! Sorrindo, me segredava que o seu quarto no HC era o recreio dos médicos. Lá, eles vinham, dar uma relaxada, prosear, rir... para a seguir voltar a tratar dos pacientes. Será que há necessidade de mais alguma explicação?

O que posso dizer depois de 43 anos de formada?? Nunca me arrependi desta escolha, continuo vivendo a MEDICINA, e posso dizer sou FELIZ EM SER Médica, e agora sendo também professora -formadora de médicos.

Dra Maria Helena Favarato

Médica preceptora do Departamento de Clínica Médica

Por que resolvi ser médica?

"Vai ser médica como o pai?" A pergunta vinha das mais diversas fontes à criança, que, de supetão, respondia um invariável e enfático "não!" Desenhista, escritora, arquiteta, engenheira... Muitas opções, nenhuma envolvendo a famigerada Medicina.

Na hora do vestibular, várias carreiras em diferentes faculdades. Na FUVEST, o "X" foi em Medicina, movida por um certo desejo de "conhecer por dentro", uma curiosidade bruta sobre a Fisiologia humana.

Na faculdade, não achava que iria tratar pacientes. Gostava de pesquisa, de bancada. A participação no querido EMA e em várias ligas dava pistas do que viria, mas achava que meu futuro estaria num laboratório. Meu pai dizia que eu seria "médica de ratinho". Estava feliz com essa opção.

Daí veio o internato e a vivência diária dentro do nosso HC me fez entender que o médico vai além do conhecer por dentro, além da ciência. Existe um descompasso entre o que a Medicina ciência pode oferecer e o que nossos pacientes anseiam e precisam. Nesse momento, entra a Medicina Arte, que trata de escutar, compreender e acolher, não só aquela pessoa, mas também sua família. Virei médica. De gente!!

Então veio a opção pela Clínica.

De todos, o clínico, estetoscópio ao pescoço, é o que mais se aproxima do estereótipo do médico tradicional. Ouve, reflete, examina com cuidado e chega a suas hipóteses. Que profissão linda!

Histórias, gestos, lágrimas compartilhadas... Não sei bem direito por que resolvi ser médica, mas muitos são os motivos pelos quais tenho certeza de que fiz a escolha certa! Desejo muito sucesso aos atuais e futuros colegas desta Casa!

Tatiana Barboza Kronemberger

Representante Discente

Interna 5º ano

Agora também me faço a mesma pergunta...por que resolvi ser médica?

Acho que nasci querendo ser médica...porque não me lembro quando essa idéia surgiu pela primeira vez. Fui uma criança que tinha muita rinite... vivia no consultório médico...e talvez por isso tenha aprendido a admirar essa profissão. Também me lembro que desde pequenina, sempre que alguém perguntava o que eu seria quando crescesse, minha mãe rapidamente respondia: vai ser médica! Toda cheia de si! Acho que ela estará realizando o sonho dela ao me ver formada no ano que vem...

Mas um momento é inesquecível a todos nós...o dia em que saiu a lista da FUVEST...foi tanta felicidade que não conseguia falar pro meu pai que eu tinha finalmente realizado meu sonho...entrara na FMUSP...seria médica...não importava o que seria dali pra frente...mas com certeza seria médica...E desde aquele dia já se foram cinco anos... dias incríveis, com pessoas incríveis...e agora no internato...nosso querido HC e as histórias de vida de cada paciente...verdadeiros presentes de Deus que surgem em nossas vidas para que possamos aprender e que, acima de tudo, também estão ali para nos ensinar. Um dia um professor me disse que não escolhemos a Medicina...é a Medicina que nos escolhe...e se for assim...que possamos agradecer ao Universo todos os dias por termos sido escolhidos para essa profissão tão nobre e maravilhosa!!!!

Agradeço a todos pelos ricos depoimentos.

Tatiana Barboza Kronemberger (95) é Diretora de Educação Médica do CAOC, Representante Discente no CIENS, Congregação e Comissão Permanente de Integração da Subcomissão de Internato e é estudante da FMUSP.

Enquanto isso, na USP...

Pela Democratização na Universidade de São Paulo

Representação Discente da Faculdade de Direito da USP - Grupo Universidade Crítica

Nos últimos meses, o impasse entre a Faculdade de Direito e a gestão do reitor e ex-diretor João Grandino Rodas chegou ao seu limite e denota problemas que, para além de sua gestão antidemocrática, atingem a própria estrutura universitária e clamam por um amplo debate na comunidade uspiana e desta com a sociedade.

A São Francisco conviveu, de 2007 a 2009, com a diretoria do atual reitor, a qual deve ser lembrada por seus atos controversos e autoritários. Em 2007, Rodas promoveu uma imprudente reforma da grade curricular, dotada de caráter imediatista e instituída sem o compatível planejamento e discussão com a comunidade acadêmica. Vivia-se o momento ideal para se repensar os problemas estruturais do ensino jurídico, presentes na São Francisco. Contudo, sob protestos de estudantes, professores e funcionários, e ignorando as propostas contrárias, que enfrentavam frontalmente as mazelas da grade da época, o então diretor conseguiu a aprovação da atual grade, a qual gerou inúmeros entraves para os estudantes posteriormente. Ainda em 2007, a Faculdade de Direito enfrentou a presença da Tropa de Choque - fato que não ocorria desde a ditadura civil-militar -, por ordem do diretor em resposta aos movimentos sociais que ali se manifestavam, pacificamente, na Jornada Nacional de Lutar em Defesa da Educação.

Já em 2008, Rodas propôs a instalação de câmeras de vigilância e catracas nos prédios que compõem a Faculdade de Direito. Tal proposta foi encaminhada ao Conselho Técnico-Administrativo (CTA) da unidade, gerando sérias discordâncias de toda a comunidade acadêmica. Em resposta à aprovação no CTA, os alunos, reunidos diante da Congregação da FD, manifestaram-se em uníssono contrariamente a esta deliberação do Conselho, pleiteando que a Congregação revisse esta decisão. No calor do momento, o diretor João



Manifestação contra as arbitrariedades de Rodas - Transferência das Bibliotecas e Recepção ilegal de doações

Grandino Rodas discursou aos alunos, tentando demonstrar a importância de tais medidas, principalmente quanto à segurança. O corpo discente, porém, manteve-se firme em sua opinião, na sua crítica constante ao uso político que se faria dessas medidas, como para a perseguição de participantes em manifestações políticas, além de que representariam um bloqueio de uma faculdade pública - símbolo da resistência democrática - a toda a população. Em razão dos protestos dos estudantes, a Congregação reformou a decisão do CTA, reprovando a proposta de instalação de catracas e câmeras de vigilância.

Impositivamente, buscou-se conduzir nossa Faculdade a um modelo privatista de Universidade. Em 2009, contratos estabelecendo doações com encargo para reforma de uma sala e um auditório da Faculdade foram firmados, sem a aprovação e discussão prévia na Congregação, órgão máximo representativo e por onde devem passar

tais deliberações. Diante da sua latente ilegalidade, a Congregação negou a contrapartida estabelecida pelos contratos, revogando a portaria que concedia às salas os nomes dos doadores. Em concomitância, a portaria que concedia os nomes trazia também um dos atos mais graves e que diretamente atingiu a Faculdade de Direito: a transferência das bibliotecas.

Em seu último dia à frente da Diretoria da Faculdade de Direito, Rodas destituiu a equipe incumbida de zelar pelas bibliotecas, exigiu a entrega das chaves das salas que abrigavam o acervo e determinou sua imediata transferência para o Edifício vizinho, recém-desapropriado, denominado "Anexo IV". O novo prédio se encontrava em situação totalmente precária, sem as mínimas condições de receber o precioso acervo da maior biblioteca jurídica da América Latina. Na calada da noite, os livros foram encaixotados e transportados sem o devido cuidado,

em período de chuvas e com a mão-de-obra de moradores de rua. De tal monta eram as deficiências do prédio para abrigar funcionários e alunos que, em junho de 2010, depois de proceder a vistoria no imóvel e verificar diversas irregularidades, a SubPrefeitura da Sé indicou à Faculdade a necessidade de providências e, ao final, determinou "manter o local fechado até a conclusão dos serviços e atestados" Nota-se que tudo isso se deu em meio a justificados protestos dos estudantes, matérias jornalísticas praticamente diárias, greve dos servidores técnico-administrativos e, para culminar, uma "recomendação" do Ministério Público Federal, seguido de determinação judicial com fixação de prazos para arrumação dos livros e reabertura das bibliotecas. Perceber o risco em que os livros se encontravam e ficar sem acesso às bibliotecas por quase um semestre inteiro fez com que a comunidade franciscana não se calasse e, em mobilização, paralisaram suas

Enquanto isso, na USP...

atividades por três dias. Os resultados não tardaram a ocorrer: foi instaurado inquérito civil pelo Ministério Público Federal e determinou-se o retorno do acervo ao prédio histórico. Passado mais de um ano e meio da transferência e apesar dos reiterados pedidos da atual diretoria da Faculdade para sua reforma, o prédio continua nas mesmas condições, com verbas irrisórias para realizar sua reforma estrutural.

A falta de democracia é o método pelo qual João Grandino Rodas tem, já na reitoria, buscado implantar seu modelo de universidade: funcionários demitidos, fechamento de espaços de vivência estudantil, permissão à realização de cursos pagos flagrante rompimento com os objetivos de uma Universidade pública ampla política de terceirização dos serviços sob o argumento de barateamento e maior eficiência, que esconde a precarização do trabalho, menores condições e instabilidade -, não-pagamento de funcionários e tentativa de fechamento de cursos. A postura do atual reitor tornou-se de tal forma questionável e problemática que gerou início a uma investigação da sua reitoria pelo Ministério Público de São Paulo, com o objetivo de apurar a "violação aos princípios da legalidade, impessoalidade, moralidade, burla ao acesso de cargo mediante concurso público, lesão aos cofres públicos e improbidade administrativa", denunciada na sua gestão.

No final do mês de setembro, a São Francisco foi novamente surpreendida. Com o recebimento de mensagem eletrônica enviada pela assessoria de imprensa da Reitoria, trazendo "edição especial" do USP Destaques, apresentaram-se sérias e inverídicas acusações à Diretoria da Faculdade quanto a essa não ter dado sequência à programação anterior das reformas realizadas na gestão do ex-Diretor. Em resposta, o diretor Antônio Magalhães apresentou sua defesa na Congregação, refutando as acusações infundadas, por meio da apresentação de documentação detalhada. A indignação quanto às atitudes do Reitor levou a Congregação a conceder-lhe, por unanimidade, o título de "persona non grata", seguido de um ato de repúdio organizado pelos estudantes, com a ampla presença da comunidade acadêmica. Encaminhou-se também indicação ao Ministério Público Estadual para que investigue determinadas medidas tomadas por Rodas, quanto à sua configuração como atos de improbidade administrativa.

Diante de tal conjuntura vivencia-

da, hoje, pela Universidade, sob seu reitor, cabe-nos buscar as raízes mais profundas da problemática. Constatou-se que a Faculdade de Direito e a USP foram constituídas a partir de estruturas conservadoras existentes e que ainda convivemos com inúmeros resquícios dessa característica. O centro decisório dos mais diversos órgãos de nossa Universidade se concentra em um grupo restrito de membros, que os permite conduzir-nos a um modelo de Universidade e tomar injustificadamente determinadas escolhas políticas em sua administração. Há que se rediscutir o sentido da autonomia universitária, historicamente conquistada, que garante a fundamental liberdade de ensino, mas que não pode ser escusa para administrações arbitrárias.

Exemplos disso, que não nos faltaram no ano de 2011, permitem-nos constatar que a problemática é fruto do arcaico Estatuto da USP, herança da Ditadura Civil-Militar de 1964, o qual reproduz uma estrutura hierárquica pouco representativa que requer mudanças em prol da democratização. A Faculdade de Direito do Largo São Francisco se orgulha de ser parte da Universidade de São Paulo e é exatamente por este motivo que somos críticos às atitudes autoritárias da Reitoria. Para se defender a USP é necessário que se defenda aquilo que se tem de mais precioso: a democracia. E, para tanto, a Universidade não deve permanecer inerte, aceitando tranquilamente a manutenção das atuais estruturas, hierarquia e arbitrariedades.



Vista interna do Anexo IV - novo prédio da Biblioteca 2



Livros armazenados no novo prédio - Foto semelhante às obtidas nos autos do Inquérito Civil Público n. 1.34.001.004171_2009-19, do Ministério Público Federal

Reitor da USP é declarado "persona non grata" na Faculdade de Direito

Congregação da São Francisco concedeu título inédito a ex-diretor da unidade e atual reitor da Universidade de São Paulo (USP)

A Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP) declarou o reitor da USP, João Grandino Rodas, *persona non grata* dentro da instituição, no Largo São Francisco, centro de São Paulo. A decisão foi tomada em reunião da congregação - formada por representantes de funcionários, professores e alunos - na tarde desta quinta-feira e seguida de ato contra o ex-diretor da unidade e maior autoridade da universidade.

Desde o ano passado, a unidade e o reitor trocam críticas. Na semana passada, Rodas usou uma edição es-

pecial do jornal interno USP Destaques para criticar a diretoria da Faculdade de Direito. Agora, a unidade promete enviar ao Ministério Público uma carta com denúncias sobre a atual gestão da USP.

O diretor da São Francisco, Antônio Magalhães Gomes Filho, discursou para cerca de 500 alunos e professores sobre os erros de Rodas. "Tivemos dois diretores aqui que participaram da ditadura, mas nem eles conseguiram o título inédito que concedemos agora ao atual reitor", disse sob aplausos.

Magalhães foi vice-diretor durante a gestão de Rodas na Faculdade de Di-

reito, entre 2007 e 2009. Em panfleto distribuído durante a manifestação, o Centro Acadêmico XI de Agosto afirma que "suas colocações públicas (do reitor) conseguiram unir a faculdade em antagonismo a ele".

O estudante do 3º ano Pedro Martinez, 20 anos, diz que a ideia é mostrar a insatisfação para a sociedade e outras unidades. "A insatisfação contra ele é antiga, mas cresceu até chegar a um ponto insuportável."

Cíntia Rodrigues,
IG São Paulo | 29/09/2011

A Segurança na USP

A segurança, a política e os fantasmas do passado

O latrocínio do estudante Felipe Ramos de Paiva marcou o início de uma longa rodada de discussões sobre os problemas de segurança da Cidade Universitária, que culminou com a assinatura do convênio entre USP, PM e Secretaria de Segurança Pública. Dois meses após a assinatura do convênio, a detenção de 3 estudantes que estavam fumando maconha fez eclodir uma crise que mobilizou o movimento estudantil e dividiu a opinião Universidade quanto a presença da PM no campus.

**André Moraes Sarmiento (95) e
João Cronemberger (95)**

O QUE ACONTECEU?

Em 18 de maio de 2011 o estudante Felipe Ramos de Paiva, de 24 anos, aluno do curso de ciências atuariais da Faculdade de Economia e Administração da USP foi assassinado. Para amigos e parentes, uma perda irreparável, para a sociedade, uma tragédia e para todos os frequentadores da Cidade Universitária, um alerta. Antes de Felipe, incontáveis foram os assaltos, roubos de carro, agressões e até estupros que foram contabilizados nas estatísticas policiais. Triste, mas real, uma catástrofe foi necessária para que se tomasse uma atitude, visto que, para qualquer transeunte que por ali circule, fica evidente que a Cidade Universitária não é um local seguro.

Finalmente, em 8 de setembro, o Reitor João Grandino Rodas, o Secretário Estadual de Segurança Pública Antônio Ferreira Pinto e o Comandante-Geral da Polícia Militar, Coronel Álvaro Batista Camilo, firmaram o Convênio que prevê a inclusão de 30 Policiais Militares nas ações de patrulhamento da Cidade Universitária

Menos de dois meses depois, em 27 de outubro, sexta-feira, três estudantes foram detidos pela Polícia Militar em uma festa na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Prontamente, algumas centenas de alunos que ali estavam se revoltaram com a abordagem da PM e o que sucedeu foi um conflito entre a polícia e estes estudantes, que foi manchete de jornais pelo mundo todo. Na mesma noite, após a chegada de reforços policiais e efetiva detenção dos 3 estudantes, um grupo envolvido nos conflitos com a PM invadiu o prédio da administração da FFLCH.

Na madrugada de 2 de novembro, cerca de mil pessoas se reuniram na FFLCH em assembléia e votaram contra a ocupação do prédio da Reitoria. Apesar disso, cerca de 100 estudantes dissidentes encapuzados invadiram e ocuparam a Reitoria, como movimento de continuidade da ocupação da FFLCH contra a presença da PM no Campus e pela revogação de quaisquer processos administrativos contra alunos, funcionários ou professores.

Após 6 dias de ocupação e manifestações de outros grupos de estudantes da USP pró-PM no Campus, no dia 8 de



bro, ocorreram 4 Assembléias Gerais no Campus Butantã, com a presença de grande número de estudantes e no sábado, dia 26 de novembro, foi realizado um Conselho de Centros acadêmicos com presença de 43 entidades.

Na tarde de quinta-feira, 24 de novembro, grupos contrários à presença da Polícia no Campus realizaram uma passeata na Avenida Paulista, reivindicando também a saída do Reitor.

A Universidade de São Paulo está no foco da imprensa mundial como palco de um acirrado debate, cujo cerne é a presença da PM no Campus Butantã, questão que transcende o âmbito da segurança pública, resgata do limbo alguns fantasmas dos "anos de chumbo" e fora do Campus atinge desde a Comunidade

São Remo até o Palácio dos Bandeirantes.

O que segue nesta reportagem são apenas alguns dos aspectos que envolvem este importante momento histórico que a Universidade de São Paulo está vivendo.

A VIOLÊNCIA NO CAMPUS

O problema com a criminalidade no Campus da Cidade Universitária não é banal, nem simples e, muito menos, de hoje. Registros de boletins de ocorrência nos distritos policiais próximos ao campus variam na casa das centenas anualmente. Os delitos são dos mais variados: furto de veículo; roubo de veículo; furtos em geral; lesão corporal; seqüestro relâmpago; estupro; e - mais recentemente - latrocínio.

Estudam cerca de cinquenta mil

"De uma maneira bastante perversa, os alunos da USP têm responsabilidade sobre a violência que estão sofrendo."

e a instalação de 2 bases móveis. Segundo os termos do Convênio, esses policiais passariam por treinamento específico para lidar com o público universitário e identificar pontos vulneráveis e estratégicos para segurança do Campus. Também é previsto pelo convênio o estabelecimento de canais de comunicação entre a comunidade e a PM e a criação do Fórum da cidadania pela cultura da paz, que visa integrar organizações sociais e comunidades que cercam a Cidade Universitária em ações que visem reduzir e prevenir a violência neste território.

novembro, uma grande operação policial foi montada para realizar a reintegração de posse da Reitoria. Na mesma noite, uma nova assembléia foi convocada e a decisão dos presentes foi pela Greve geral dos estudantes. Oficialmente, aderiram à Greve 4 unidades da USP: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Escola de Comunicação e arte, Faculdade de Educação e FFLCH, sendo que nesta última, o curso de letras não aderiu. A Adusp e o Sintusp manifestaram apoio à greve, mas não paralisaram suas atividades.

Entre o dia 08 e o dia 23 de novem-

A Segurança na USP

“Com a atuação de apenas uma parte do convenio acordado entre USP, Governo do Estado e Policia Militar foi vista uma significativa redução em alguns pontos críticos de criminalidade”

alunos no campus e circulam, aproximadamente, cem mil pessoas por dia numa área de mais de quatro milhões de metros quadrados. Esses números dão a noção de grandeza da situação e torna real, o óbvio: lida-se com uma cidade. E, como se não bastasse, trata-se de uma cidade mal iluminada, com grandes espaços vazios, dificuldade de acesso e conurbação com uma área de conhecido destaque no trafico de drogas.

A resposta para essa problemática, como se pode prever, não é única. Melhorar a iluminação ajuda? Claro. Mas deixar iluminados grandes espaços vazios - como o existente entre os Institutos de Ciências Biomédicas e o prédio da Odontologia - não impedirá a ocorrência de crimes se não houver vigilância efetiva. Diminuir esses espaços vazios pode ser interessante? Provavelmente. Mas somente em alguns poucos lugares específicos; é incabível pensar que seja possível urbanizar toda C.U. (ou mesmo, todos os pontos criminalmente relevantes). Colocar câmeras nas ruas do campus? Com certeza pode ser útil na identificação de meliantes e na prevenção de crimes patrimoniais, mas - novamente - não há como colocar câmeras em todos os espaços e, mesmo que houvesse, não há como realizar a observação em tempo real de um número tão grande de pontos. Aumentar o efetivo da Guarda Universitária? Certamente é uma boa opção. Com um efetivo maior e melhor treinado, a G.U. poderá atuar na prevenção de roubos e furtos com maior efetividade. Mas é preciso - sempre lembrar que ela tem função de segurança patrimonial e não está treinada para interceptar tentativas de assaltos ou outras violências pessoais. E vale ressaltar que qualquer intervenção despreparada, ou não devidamente equipada, pode resultar em tragédia tanto para o profissional que tenta ajudar como para vítima.

Desse modo, restam desguarnecidos de atenção, crimes como roubos em geral, latrocínios, homicídios, estupro, lesões corporais diversas e seqüestros relâmpagos.

A POLÍCIA NO CAMPUS

Para a abordagem e prevenção desse tipo de delito, o Estado de São Paulo preconiza o uso de sua força policial militar.

Está é uma força auxiliar e reserva do Exército Brasileiro e integra o Sistema de Segurança Pública e Defesa Social brasileiro, e está subordinada ao Governo do Estado de São Paulo através da Secretaria Estadual de Segurança Pública. Tal efetivo tem como formação mínima o Curso Superior de Técnico de Polícia Ostensiva e Preservação da Ordem Pública na Escola Superior de Soldados Cel PM Assumpção (ESSd), de caráter de ensino superior e duração de quatro anos, compreendendo as seguintes áreas: jurídicas (Direito Penal e Processual Penal, Direitos Humanos, Direito Civil, Direitos Administrativos); humanidades aplicadas (Sociologia, Psicologia, Comunicação e Expressão, Gestão pela Qualidade); área profissional propriamente dita (Organização e Educação Institucional, Pronto-socorrimento, Polícia Ostensiva, Ordem Unida); preparo físico para exercício das funções (Educação Física, condicionamento físico, defesa pessoal, dentre outras); e disciplinas policiais práticas referentes a área operacional de atuação (Policimento Comunitário, Policiamento Ambiental, Policiamento Rodoviário, Policiamento de Choque, Atividade de Bombeiros e Defesa Civil).

Essa formação garante a eficácia e total confiabilidade na Polícia Militar? Claro que não. Essa formação poderia ser mais completa e dar uma preparação ainda maior, sem dúvidas. Mas afirmar que esses soldados vão a campo despreparados é ignorância. Obviamente isso não coíbe todo e qualquer excesso que a PM possa fazer. Abusos profissionais existem em todas as categorias profissionais (sejam médicos, professores, veterinários, senadores ou policiais). Mas para isso existem os órgãos da Corregedoria e da Ouvidoria da Polícia Militar, subordinadas ao Estado de São Paulo e responsáveis pela apuração de denúncias relacionadas à PM. E cabe à população civil e seus representantes, a vigilância dessas denúncias para que a justiça seja feita em caso de abusos.

O fato é que - com a atuação de apenas uma parte do convenio acordado entre USP, Governo do Estado e Policia Militar (somente o patrulhamento de viaturas e motocicletas) - foi vista uma significativa redução em alguns pontos críticos de criminalidade. De acordo com levantamento baseado em Boletins de Ocorrências das

delegacias adjacentes ao campus - analisando 80 dias antes à atuação da PM e 80 dias após (excluído o mês de julho devido ao período de férias) - se viu a seguinte variação: furtos de veículos caíram 90% (de 20 para 2); roubos em geral tiveram uma redução de 66,7% (de 18 para 6); roubos de veículos caíram 92,3% (de 13 para 1); lesões corporais caíram 77,8% (de 9 para 2); e seqüestros relâmpagos caíram 87,5% (de 8 para 1). Essa variação é, sim, muito significativa. Apesar de não haver pesquisas semelhantes confiáveis referentes a períodos anteriores, é sábio pensar que essa abrupta diminuição está diretamente relacionada à presença da força policial. Porém, seja para desacreditar, ou seja para validar a ação da PM, é necessário uma observação por um maior período de tempo e novas pesquisas de dados criminais mais apuradas e abrangentes a fim de que uma conclusão inteligente seja alcançada.

A DIALÉTICA DA SUSTENTABILIDADE DA VIOLÊNCIA

Assim como não é possível entender a USP apenas sob o prisma dos problemas de segurança, é impossível isolar a USP dos problemas de segurança pública da cidade de São Paulo, até porque os problemas de segurança lá enfrentados não são tão diferentes do resto da cidade. Mas, por algum motivo, a maneira de lidar com eles é.

Desde 2006, quando a lei 11.343 entrou em vigor, o Brasil difere legalmente o consumidor de drogas do traficante. O delito cometido pelos 3 estudantes na FFLCH passou a ser visto com gravidade muito menor e a ser abordado com medidas educacionais e comportamentais, ao invés de reclusão.

Diante dessa discussão, é impossível não citar o filme Tropa de Elite, e sua brilhante tese, que relaciona os atos de adquirir, portar e consumir pequenas quantidades de drogas, especialmente entre universitários, à sustentabilidade do crime organizado. Para o tráfico, o consumidor é uma agência de fomento ao crime, a instituição que sustenta a violência.

Resta o argumento de que a violência no Butantã é fruto da enorme desigualdade social que existe entre a Cidade Universitária e as comunidades pobres que a cercam. Tal desigualdade é flagrante, não só entre Cidade Universitária e arredores, mas também entre as os ambientes encontrados por quem atravessa o portão 1 e o portão 3 do Campus, mas atribuir à desigualdade os alarmantes indicadores de violência da região é uma análise no mínimo superficial. Afinal, se a

USP sofre com a violência, a Comunidade São Remo também sofre. E quando um cidadão é assassinado lá, dificilmente o crime receberá tanta atenção quanto o latrocínio do estudante Felipe.

Os problemas sociais das comunidades pobres ao redor do Campus contribuem sim para a proliferação da criminalidade, mas isso certamente está relacionado ao fato de assaltantes e traficantes se valerem deste espaço para se esconder da polícia e exercerem livremente suas atividades.

Ao impedir o acesso da Polícia aos pontos de venda de droga no Campus, estamos criando mais um ambiente seguro para o crime e estabelecendo uma interface para que consumidores adquiram drogas sustentem a violência. De uma maneira bastante perversa, os alunos da USP têm responsabilidade sobre a violência que estão sofrendo.

CONCLUSÃO

A questão da presença ou não da PM no Campus mostrou-se capaz de suscitar a discórdia dentro de todos os setores da universidade. A absoluta maioria dos estudantes da USP não eram nascidos quando o Regime Militar terminou, em 1985, mas as memórias dos tempos de repressão ainda são utilizadas como argumento para justificar a resistência de alguns contra a ação da Polícia.

O ex-presidente do CAOC, Alon Feuerweker, escreveu em sua coluna no Correio Brasiliense que “Antes a liberdade nas universidades era uma ideia vinculada à urgência de conquistar espaços no autoritarismo. Era uma ideia certa. Agora aparece como ameaça de instalar no Brasil regiões em que o crime organizado pode agir sem temer a presença da autoridade policial.”

A questão da herança da ditadura e dos fantasmas dos “anos de chumbo” aparecem hoje no discurso de muitos grupos contrários à presença da Polícia no Campus. Esses mesmos grupos revestem seus discursos de apologias às liberdades individuais e fazem questão de vincular em suas reivindicações, a saída da Polícia à saída do Reitor, deixando claro que o atual movimento político estudantil da USP tem orientação e tem interesses.

E esses interesses passam muito longe da vontade de ver resolvido caso do colega Felipe.

André Perez de Moraes Sarmiento (95) e João Cronemberger Sá Ribeiro (95) são ex-diretores do CAOC e são ambos estudantes da FMUSP

Segurança e liberdade

Cabe a USP buscar formas alternativas de se obter segurança sem o preço da violência

Wagner Machado (98)
e Hugo Fanton

O ano de 2011 foi marcado por uma sucessão de episódios polêmicos na USP, o que chamou a atenção tanto da própria comunidade da universidade quanto da opinião pública. Primeiramente, o assassinato do aluno da FEA Felipe Ramos de Paiva, no dia 19 de maio, foi um gatilho para que a comunidade se posicionasse de maneira rígida quanto à falta de segurança no campus. Não se trata de uma ocorrência pontual ou aguda, mas sim de um resultado mórbido da situação de descaso em que a USP se encontrava. Houve, sim, uma repercussão de grandes dimensões, principalmente no sentimento de impotência e vulnerabilidade dos alunos. Porém, foi nesse contexto de emoções inflamadas que se tomaram decisões abruptas; firmou-se um convênio com a Polícia Militar por cinco anos, que lhe garante acesso à cidade universitária, em um projeto maior de aproximação comunitário, algo semelhante às UPP implantadas no Complexo do Alemão no Rio de Janeiro.

Após sua entrada, a polícia apresentou dados de redução da criminalidade. No caso, houve redução na criminalidade, principalmente no furto de carros (de vinte para três). Os dados coletados se referem a uma comparação, dois meses antes da entrada da polícia e dois meses depois. Uma estatística questionável, como

mostra a reportagem feita com a professora do IME, Gisela Tunes, apresentada no *Jornal do Campus*, referente à segunda quinzena de novembro. Os dados coletados estão sujeitos à sazonalidade dos crimes, margem de segurança reduzida (o alfa tolerado) devido ao pequeno número de variantes coletadas e curto espaço de tempo. Até então não ocorreu nenhuma manifestação volumosa que questionasse essa situação.

Na noite de 27 de outubro, após três alunos serem detidos no prédio de história e geografia da FFLCH por fumarem maconha, deu-se início a uma série de mobilizações. Após os protestos contra os soldados que detiveram os alunos, ocorreu uma assembléia extraordinária do DCE para decidir qual seria a resposta dos alunos. Na ocasião não foi optada a ocupação da reitoria pelo DCE, como ocorreu com a liderança de grupos específicos. A relação dos alunos com a PM virou o canal de discussões sobre a segurança no campus; o convênio firmado precipitadamente voltou à tona, a terceirização da segurança universitária para a PM é uma estratégia suficiente para se conquistar a tranquilidade na USP?

Em princípio, esta é uma solução cômoda; a reitoria não responderá às ações da PM, mas somente a própria corporação. A segurança na cidade universitária requer proposições diferentes do simples policiamento armado. A vigilância e controle de uma área com trânsito diário de mais de 100 mil veículos, sendo que 60 mil não têm relação com a



USP (dados da Coordenadoria do Campus da Capital, Cocesp), é algo inviável. A Unicamp, apesar de suas proporções menores, enfrenta dificuldades semelhantes no controle de carros; optou pelo cadastramento dos veículos dos frequentadores da cidade universitária. Os veículos passageiros recebem uma senha a ser entregue na saída, após o condutor informar seu RG. Para evitar

que, apesar de pouco explorada, também tem efeito na segurança universitária.

Pensando em infra-estrutura, também vale indicar a iluminação como fator a ser modificado. Os alunos do período noturno frequentam um ambiente muito diferente daquele observado durante o dia, muito mais propício a assaltos, roubos e

"(...) esta é uma solução cômoda; a reitoria não responderá às ações da PM, mas somente a própria corporação."

transtornos com o fluxo, as guaritas foram antecipadas, de forma que as vias de grande trânsito não passassem mais pelo campus. Na USP, pode-se pensar em uma via direta dentro do campus, que não atrapalhe o trânsito.

Em contraste ao fluxo intenso de veículos de passagem, a locomoção de pedestres entre os institutos da cidade universitária é mínimo, o que cria áreas ermas e mais propícias a assaltos. Mais linhas circulares e mais ônibus em serviço, além dos seis em circulação diária (dados também da Cocesp), diminuiriam os espaços do campus não ocupados, ocorreria uma espécie de vigilância civil. O projeto PedalUSP, que deixa vários postos de bicicletas espalhados pelo campus, para serem utilizadas por qualquer aluno, é uma iniciativa

ocorrências indesejadas; além de ser um ambiente menos convidativo à circulação de pessoas. O projeto previsto para 2012, que inclui sete mil pontos de iluminação espalhados pelo campus, é uma esperança de mudança no ambiente.

A guarda universitária, principalmente após o convênio, ficou em segundo plano na vigilância; seu efetivo é mínimo e só age em defesa patrimonial. Como proposição, além do número de guardas, também deveria ser avaliada as obrigações e poderes atribuíveis à corporação. Vale também ressaltar possibilidade de a guarda universitária contar com armas não letais, como as equipes de segurança de universidades norte americanas, tais como gás de pimen-



A Segurança na USP

ta, cassetetes, pistolas de choque elétrico, entre outras.

A Polícia Militar como solução para a segurança na cidade universitária não coloca em cheque apenas a autonomia universitária, mas também a liberdade dos alunos, professores e funcionários vivenciarem uma realidade de experiências políticas e sociais. Experiências como as repressões das marchas contra o aumento do passe de ônibus, pelo aumento do salário dos professores da rede pública e a favor da descriminalização da maconha revelaram que manifestações públicas são tratadas como casos de polícia, como crimes. Qualquer mobilização, seja de reivindicação ou questionamento, é tratada somente no ponto de vista da legalidade, sendo a violência uma resposta imediata.

“(...) na guerra contra as drogas as festas das faculdades podem entrar como pauta de combate da PM, afinal é proibida a venda e consumo de álcool no campus.”

A autonomia universitária deve ser interpretada como o suporte necessário para que o campus funcione como um laboratório, um ambiente que permita novas formas de relações a serem aplicadas na sociedade. Cabe a esse laboratório a tentativa de se conseguir segurança e paz sem o preço da violência. Esse é um desafio a ser aceito, a massa crítica da USP não pode se

restringir a acatar um modelo arcaico de manter a ordem.

A problematização deve focar na PM como ferramenta de repressão, totalmente sujeita às forças políticas; como ilustra o acionamento da PM pelo ex-governador José Serra contra a Polícia Civil, nos protestos realizados por esta em 2008. Da mesma maneira, a guerra contra as drogas do reitor João Grandino Rodas e do governador Geraldo Alckmim nunca acionou a polícia para intervir nos fornecedores, que sempre estiveram fora da cidade universitária. Vale lembrar que na guerra contra as drogas as festas das faculdades podem entrar como pauta de combate da PM, afinal é proibida a venda e consumo de álcool no campus.

Por fim, vale o questionamento: os alunos da medicina estão preparados para receber a PM no campus Pinhei-

ros? Os professores e alunos teriam maturidade para lidar com revistas e abordagens policiais, assim como a identificação diária por crachás, que já desperta insatisfação? Os alunos receberiam bem a PM em festas no porão e na atlética, em que provavelmente haveria álcool? O campus da medicina vive uma situação muito diferente da cidade universitária, por questões logísticas, sua guarda consegue garantir, até certo ponto, a segurança dos alunos e professores. Mas tratando-se de isonomia universitária, é um desrespeito defender a PM na cidade universitária e não recebê-la no campus Pinheiros.

Escrito por Wagner Machado, aluno da medicina USP, e Hugo Fanton, mestre em saúde pública pela Faculdade de Saúde Pública

Além disso, em instituições como a USP há uma progressiva orientação da produção acadêmica para fins privados e mantêm-se as estruturas de poder, que giram em torno da hierarquia acadêmica. Nas eleições, por exemplo, apenas os professores titulares são elegíveis ao cargo de reitor e o colégio eleitoral do segundo turno restringe-se a cerca de 300 membros, dos quais 85% são professores, menos de 15% estudantes e apenas 1% são funcionários. As decisões mais importantes da universidade estão concentradas nas mãos dos professores titulares, que somam menos de 1% da comunidade universitária. E pior: na última eleição para reitor, o escolhido pelo então governador José Serra sequer venceu entre este seletivo grupo.

Nesse contexto, o uso da força policial pelo grupo dirigente da universidade e a presença de uma corporação como a Polícia Militar na USP se tornam expressões maiores do abandono, pela universidade, de suas funções sociais. A PM é uma força de segurança que, sozinha, e apenas no estado de São Paulo, mata mais que todas as polícias dos Estados Unidos juntas, elegendo dentre suas vítimas preferidas jovens negros das periferias urbanas e militantes de movimentos sociais. Em apenas um mês de 2006, para exemplificar, a PM matou na cidade de São Paulo mais de 400 jovens, o que resultou na formação do movimento Mães de Maio, que até

hoje luta por justiça.

Ou seja, neste suposto período em que vivemos de democratização das relações sociais em todos os seus níveis, a USP elege seu reitor como o Vaticano escolhe seu Papa, fecha-se entre seus muros confundindo autonomia com privilégio e convida a Polícia Militar para reproduzir, em seu seio, uma repressão político-social que deveria ser questionada. A parceria com a PM é, assim, expressão máxima da separação entre grupo dirigente e a universidade como um todo, e entre universidade e sociedade, uma vez que para cumprir com seu papel na transformação democratizante de nossas instituições a USP deveria, ao invés de assinar convênio, estar lutando pela mudança da Polícia Militar.

Para se contrapor a isso, o/a estudante de medicina da USP, assim como qualquer outro do campo da saúde, pode voltar seu olhar para a realidade assumindo uma prática social condizente com o processo em que está inserido/a: o de Reforma Sanitária, em sua relação com a vivência universitária. Está consolidada no relatório da 8ª Conferência Nacional da Saúde a concepção de saúde enquanto, dentre muitos condicionantes, “moradia higiênica e digna; educação e informação plenas; qualidade adequada do meio ambiente; transporte seguro e acessível; repouso, lazer e segurança”, e ainda “participação da população na organização, gestão e controle dos serviços e ações de saúde; direito à liberdade, à livre organização e



“A PM é uma força de segurança que, sozinha, e apenas no estado de São Paulo, mata mais que todas as polícias dos Estados Unidos juntas (...)”

expressão; acesso universal e igualitário aos serviços setoriais em todos os níveis”. Assim como no período de formação do movimento sanitário, a universidade pode contribuir com avanços significativos nessas diferentes dimensões. O posicionamento contrário à Polícia Militar nos campi é apenas um passo em direção ao questionamento da PM enquanto

instituição, da institucionalidade da USP enquanto estrutura de poder e de seus muros enquanto impedimento do exercício de suas funções sociais e autonomia efetiva.

Escrito por Hugo Fanton, mestre em saúde pública pela Faculdade de Saúde Pública da USP

Extensão

5ª Jornada Universitária da Saúde

Com o término das atividades planejadas para 2011, o projeto se prepara para o terceiro e último ano na cidade de Barra do Chapéu

Matheus Rosenfeld (98)

Do dia 3 ao dia 11 de Setembro de 2011 ocorreu a V Jornada Universitária da Saúde (JUS) em Barra do Chapéu - SP. A cidade gelada e montanhosa recebeu, pelo segundo ano consecutivo, aproximadamente 70 alunos da USP de cursos da área da saúde. Dentre eles 11 alunos da FMUSP, que representaram a Medicina durante a Jornada e a sua preparação ao longo de 2011.

A JUS é um projeto interdisciplinar que tem como objetivos a Promoção da Saúde e a Educação em Saúde em cidades pequenas e pouco desenvolvidas do Estado de São Paulo. A cidade escolhida é visitada em um ciclo de três anos consecutivos. Barra do Chapéu recebe visitas em 2010, 2011 e 2012.

Esse ano, além dos cursos de Medicina, Nutrição, Enfermagem, Fonoaudiologia, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, a JUS contou com a participação de convidados dos cursos de Psicologia e de Farmácia e Bioquímica. Os participantes ("jornadeiros") entraram no projeto no início do ano, e até setembro se reuniram para elaborar as atividades que foram realizadas durante a Semana da Pátria, em Barra do Chapéu.

A Jornada é financiada pelo Fundo de Cultura e Extensão da Universidade de São Paulo, via Faculdade de Saúde Pública, e pela Fundação Faculdade de Medicina. Não há custo financeiro para o aluno participante.

A JORNADA

Uma mesma cidade recebe três vezes a Jornada, permitindo trabalho

continuado e adaptado progressivamente às demandas locais. Cada ano de visita possui características únicas, formando um ciclo em que é valorizada a aproximação dos estudantes com representantes locais, compondo em parceria projetos que terão continuidade após o término das visitas.

Os jornadeiros dos diversos cursos distribuem-se em grupos, cada um com o objetivo de trabalhar com uma parcela populacional específica. Todos os jornadeiros vivenciam a experiência de conhecer as áreas de atuação de outras profissões, o que é essencial para perceber as necessidades dos pacientes que podem ser trabalhadas mais ricamente em conjunto com outros profissionais.

Além do trabalho nos grupos, a JUS desenvolve outras duas atividades: o Trabalho de Campo e a Campanha da Saúde. O Trabalho de Campo é uma pesquisa por amostragem de aspectos da saúde da população da cidade, por meio de um questionário que todos os jornadeiros aplicam. A Campanha da Saúde, aberta para toda população, é um momento no qual temas de saúde mais prevalentes ou que demandam mais interesse são distribuídos em mesas temáticas para serem visitadas pelas pessoas.

A JUS propõe-se a promover qualidade de vida, também considerando os aspectos sociais nas suas intervenções. Todas as atividades desenvolvidas são elaboradas pelos próprios estudantes, com orientação de profissionais e professores, e em conjunto com os representantes locais. O desenvolvimento das atividades se estende ao longo dos meses anteriores. Durante todo o ano



os jornadeiros participam de cursos de orientação, reuniões, laboratórios e integrações.

O ANO DE 2011

Sendo o segundo ano de visita a Barra do Chapéu, a JUS tinha muitas informações sobre as condições e o funcionamento da cidade. Os grupos de atuação formados (cada jornadeiro participa de um deles) foram: Adolescentes, Crianças/Pais/Professores, Meio Ambiente, Posto de Saúde e Visita Domiciliar. Cada grupo de atuação possui representantes de todos os cursos participantes. As atividades foram organizadas por um ou mais grupos e visaram a Educação em Saúde, o empoderamento sobre os problemas da cidade e a busca de alternativas de solução.

Além do trabalho em grupos, todos os jornadeiros aplicaram questionários por meio de visitas domiciliares em residências da cidade. O tema do questionário foi o uso de medicamentos, uma questão que se mostrou problemática segundo as observações realizadas em 2010. Atingimos um total de 334 questionários respondidos, com dados representativos dos 3 maiores bairros

**"Situações inusitadas (...)
me fizeram refletir e pensar em um mundo muito maior, talvez utópico. Mundo no qual eu posso fazer algo, posso mudar a vida de alguém, posso crescer."**

"Fica muito claro até onde você pode ir como futuro profissional da saúde e como a relação, o vínculo é extremamente necessário para qualquer tratamento."

"Sinto que somos mais que um bando de estudantes tentando fazer alguma coisa, somos uma equipe."

da cidade, que serão tabulados e utilizados para intervenções do projeto e direcionamento de políticas de saúde da prefeitura.

A presença de 5 alunos convidados, sendo 3 do curso de Psicologia e 2 do curso de Farmácia e Bioquímica (ambos da USP), foi de grande importância para o planejamento, para a resolução de problemas encontrados durante a viagem e para a ampliação da visão dos processos envolvidos na saúde da cidade. Esses cursos foram escolhidos atendendo a demandas apresentadas nos anos anteriores do projeto ou específicas desse ano.

Em 2012, a equipe se renova (a seleção ocorre no início do ano), e será o último ano que visitaremos Barra do Chapéu (uma nova cidade será escolhida para 2013-2015). Para conhecer melhor o projeto, entre em contato conosco e fique atento ao início das atividades no próximo ano.

Email: jus_usp@yahoo.com.br

**Matheus Gerhard Rosenfeld (98)
é Coordenador da Jornada
Universitária da Saúde 2011 e
estudante da FMUSP.**

Palavras de quem foi à JUS

Os depoimentos selecionados a seguir foram escritos por jornadeiros de 2011 de maneira anônima:

"E é na realização das atividades que o contato com a população local e a troca de experiências mostraram o que realmente importa na JUS, é pela população que planejamos tanto..."

"A troca de conhecimentos entre os cursos, a troca de experiências entre os jor-

nadeiros, e principalmente (no sentido de que toca mais) a troca que se faz com a população da cidade. É essa troca que motiva o jornadeiro a continuar na jornada, a esquecer a privação de sono, o desconforto, a falta de privacidade, o trabalho árduo e infinito e ainda querer voltar sabendo que irá passar por tudo isso de novo."

"Toda esta discussão conjunta, entre diferentes (aspirantes a) profissionais de saúde, visando um mesmo objetivo, é extremamente emocionante e representa a forma como os sistemas de saúde deveriam ser: todos os profissionais trabalhando juntos - lado a lado - em um trabalho voltado para a sociedade."

"Acreditar na mudança e na nossa capacidade de fazê-la é o que move o projeto."